

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**NARRATIVAS DE DOCENTES LGBT+: Por umas Geografias que fazem a  
diferença (discutindo as diferenças)**

**MICHAEL DOUGLAS BICUDO ZOTTI**

**MONOGRAFIA**

Porto Alegre  
2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**NARRATIVAS DE DOCENTES LGBT+: Por umas Geografias que fazem a  
diferença (discutindo as diferenças)**

**MICHAEL DOUGLAS BICUDO ZOTTI**

Monografia apresentada como requisito  
para a obtenção do título de Licenciatura  
Plena em Geografia.

Orientadora:

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Roselane Zordan Costella**

Porto Alegre  
2021

### CIP - Catalogação na Publicação

Zotti, Michael Douglas Bicudo  
Narrativas de docentes LGBTQ+: Por umas Geografias  
que fazem a diferença (discutindo as diferenças) /  
Michael Douglas Bicudo Zotti. -- 2021.  
64 f.  
Orientadora: Roselane Zordan Costella.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Geociências, Licenciatura em Geografia, Porto  
Alegre, BR-RS, 2021.

1. Narrativas. 2. LGBTQ+. 3. Ensino de Geografia. 4.  
Formação de professores. 5. Geografias Subversivas. I.  
Costella, Roselane Zordan, orient. II. Título.

Dedico este trabalho às pessoas LGBTQ+ que  
sofrem todos os dias com a violência  
desumana apenas por serem o que são.

## **AGRADECIMENTOS**

Começo agradecendo à minha mãe Ester e à minha tia Eloisa, pilares que possibilitaram que eu desenvolvesse o amor pelo conhecimento, sempre me incentivando a buscar mais. Amo vocês.

Agradeço ao restante da minha família.

Agradeço às minhas amigas da época escolar, Agnes, Shay e Cris, e aos amigos da Geografia, Carmen, Léo, Hiago e Gabriel.

Agradeço aos voluntários desta pesquisa: Alex, Anderson, Maria e Matheus.

Agradeço a todos meus professores, em especial Miriam, Jefferson, Liliana e Ana Marta e Roselane, minha orientadora neste projeto.

Agradeço a todos meus alunos dos estágios, cursinho e PIBID.

Agradeço aos meus colegas docentes nos espaços escolares.

Agradeço aos governos do PT, ao Lula e à Dilma, e às lutas de tantos outros.

Meu agradecimento especial a todos aqueles que não estão citados nominalmente aqui, mas que acreditam e torcem por mim.

Muito obrigado!

Imaginem então a minha surpresa, quando, ao despertar do dia, uma vizinha estranha me acordou. Dizia:

- Por favor... desenha-me um carneiro [...]

Então eu desenhei.

Olhou atentamente, e disse:

- Não! Esse está doente. Desenha outro.

Desenhei de novo.

Meu amigo sorriu com indulgência:

- Bem vêes que isto não é um carneiro. É um bode... Olha os chifres...

Fiz mais uma vez o desenho. Mas ele foi recusado como os precedentes:

- Este aí é muito velho. Quero um carneiro que viva muito.

Então, perdendo a paciência, como tinha pressa de desmontar o motor, rabisquei o desenho ao lado. E arrisquei:

- Esta é a caixa. O carneiro está dentro.

Mas fiquei surpreso de ver iluminar-se a face do meu pequeno juiz:

- Era assim mesmo que eu queria! Será preciso muito capim para esse carneiro?

- Por quê?

- Porque é muito pequeno onde eu moro...

- Qualquer coisa chega. Eu te dei um carneirinho de nada.

Inclinou a cabeça sobre o desenho:

- Não é tão pequeno assim... Olha! Adormeceu...

**Antonie de Saint-Exupéry**

## RESUMO

Este trabalho tem como intuito compreender como as temáticas consideradas subversivas dentro do ensino da Geografia são trabalhadas por docentes LGBTQ+. Para tanto, é utilizado o método autobiográfico com os docentes LGBTQ+ participantes, em que se busca dados qualitativos acerca de suas narrativas formativas e de como isso influencia em suas práticas cotidianas no ensino das geografias subversivas, a partir da produção de narrativas e entrevistas. O objetivo geral é identificar as influências de docentes LGBTQ+ no ensino das geografias subversivas, tendo como objetivos específicos: conhecer, por meio das narrativas, as histórias de vida e as itinerâncias da formação de licenciandos e licenciados em Geografia; compartilhar memórias, histórias, experiências de vida e formação para compreender a importância da autoformação; e analisar, a partir das narrativas, as diferentes maneiras como os professores LGBTQ+ de Geografia trabalham/lidam com as temáticas subversivas em aula.

**Palavras-Chave:** Narrativas, LGBTQ+, Ensino de Geografia, formação de professores, Geografias Subversivas.

## ABSTRACT

This work has the intuition to understand how the themes considered subversive in the teaching of Geography are worked by LGBT+ teachers. For this purpose, the autobiographical method with LGBT+ participating teachers, in which it seeks qualitative data about their formative narratives and how it influences their daily practices in the teaching of subversive geographies, from narratives and unconfigure. The general objective is to identify as influences of LGBT+ teachers in the teaching of subversive geographies, having as specific objectives: to know, through narratives, as life stories and as itineraries in the training of undergraduate and graduate students. graduates in Geography; sharing memories, stories, life experiences and training to understand the importance of self-training; and analyze, from the narratives, the different ways in which LGBT+ Geography teachers work/deal with subversive themes in class.

**Keywords:** Narratives, LGBT +, Teaching Geography, teacher training, Subversive Geographies.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CHSA	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
CTG	Centro de Tradição Gaúcha
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FASE	Fundação de Atendimento Socioeducativo
LGBT+	(População de) Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
SiSU	Sistema de Seleção Unificada
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	<b>10</b>
<b>2. O que o pesquisador tem a ver com isso?</b>	<b>15</b>
<b>3. Gêneros, sexualidades e Geografia</b>	<b>18</b>
<b>4. Caminhos metodológicos - A escolha do ouvir</b>	<b>23</b>
<b>5. A prática em ouvir - Com a palavra, os professores</b>	<b>28</b>
<b>5.1. “Descoberta”, autoaceitação e bullying escolar</b>	<b>30</b>
<b>5.2. Interesse pela docência em Geografia</b>	<b>35</b>
<b>5.3. Geografias Subversivas - Memórias discentes e perspectivas docentes</b>	<b>37</b>
<b>6. As considerações para não finalizar</b>	<b>39</b>
<b>Referências</b>	<b>42</b>
<b>Anexo I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b>	<b>45</b>
<b>Apêndice A - Íntegra da Narrativa - Alex</b>	<b>47</b>
<b>Apêndice B - Íntegra da Narrativa - Maria</b>	<b>53</b>
<b>Apêndice C - Íntegra da Narrativa - Matheus</b>	<b>57</b>
<b>Apêndice D - Íntegra da Narrativa - Anderson</b>	<b>60</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Por muito tempo, a construção dos saberes esteve relacionada às noções de poder. É claro que esses processos ainda agem fortemente no mundo atual, mas o conhecimento não é mais detido apenas por alguns e também não há apenas um tipo de conhecimento hegemônico na sociedade atual. Há diversos processos de democratização do saber, principalmente através de estudos e pesquisas. E a Geografia enquanto Ciência não trilharia um rumo diferente para sua afirmação enquanto saber, seguiria todos os critérios temporais para se adequar à sociedade. Nesse sentido, temos alguns saberes tidos como naturalmente geográficos, como cartografia, geomorfologia, geologia e outros, e temos os saberes que há tempos têm sido desprezados em nossos estudos, como estudos étnico-raciais, gênero, sexualidade e outros. E há algum tempo esses saberes desprezados têm sido classificados por alguns estudiosos da área como Geografias Subversivas. Em síntese, essas Geografias são os estudos e saberes que foram por muito tempo desprezados pela ciência geográfica, tais como os estudos étnico-raciais, de gênero e sexualidade.

Esta pesquisa objetiva compreender como as temáticas consideradas subversivas dentro do ensino da Geografia (e da Geografia, como um todo) são trabalhadas por docentes LGBT+<sup>1</sup>. Para tanto, foi utilizado o método autobiográfico, que de acordo com Portugal (2016, p. 19), “torna-se oportuno e fértil porque considera relevante um conjunto de elementos formadores historicamente negligenciados pelas abordagens clássicas da ciência, possibilitando que cada sujeito compreenda a forma como se apropriou desses elementos formadores”.

As temáticas subversivas às quais se referem o primeiro parágrafo não têm o intuito de desmerecer esse lado da ciência geográfica, mas de mostrar como elas são, de fato, marginalizadas pela ciência. Logo, o papel da escola é abordar essas questões, sem se deixar cair na falácia da escola “doutrinadora” e de docentes comunistas. Termos utilizados com frequência para desmontar a qualidade politizadora que a escola deve ter.

---

<sup>1</sup> Há divergências quanto ao uso desta sigla. Algumas instituições irão usar LGBT, LGBTI, LGBTQIA+, dentre outras possibilidades, portanto, aproveitarei de minhas narrativas e usarei a mais comum no meu círculo social: **LGBT+**.

O trabalho está estruturado a partir da pesquisa autobiográfica com os docentes LGBT+ participantes, em que foram coletados dados qualitativos acerca de suas narrativas, de cunho formativo e de como isso influencia em suas práticas cotidianas no ensino da Geografia (das Geografias Subversivas).

O objetivo geral é **identificar as influências de docentes LGBT+ no ensino das Geografias Subversivas a partir das suas narrativas formativas**. Os objetivos específicos para dar conta da pesquisa são:

- Conhecer, por meio das narrativas, as histórias de vida e as itinerâncias da formação de licenciandos e licenciados em Geografia;
- Compartilhar memórias, histórias, experiências de vida e formação para compreender a importância da autoformação; e
- Analisar, a partir das narrativas, as diferentes maneiras de como os professores LGBT+ de Geografia trabalham/lidam com as temáticas subversivas em aula.

Este trabalho surge a partir de três momentos de reflexão autobiográfica. O primeiro é o questionamento internalizado de “por que isso [gêneros e sexualidades] é Geografia?”. Ao ingressar na Licenciatura em Geografia em 2016 nem imaginava que estudar as temáticas de gêneros e sexualidades eram - e continuam sendo - parte essencial da ciência geográfica. Foi na disciplina de “Estudos de População em Geografia Humana” em 2017 que tive meu primeiro contato (na Geografia) com esses estudos. Tínhamos que realizar uma pesquisa livre em Geografia, e ao final de uma das aulas, o professor sugeriu alguns temas, dentre eles, a questão LGBT+. Fizemos, o Leonardo, um colega, e eu, um trabalho sobre a violência contra a população LGBT+ no Brasil, com a produção de mapas e gráficos comparativos de 2013 a 2016.

O segundo momento reflexivo aparece no meu estágio obrigatório de ensino fundamental. Ministrando aula para um 9º ano do ensino fundamental, havíamos terminado a temática do consumismo. O professor regente me disse que eu poderia trabalhar o que quisesse, todavia eu não sabia o que fazer com tamanha liberdade e “passei a bola” para a turma. Questionei o que gostariam de aprender em Geografia. A turma, de 21 discentes no dia, tinha convicção de que estudar a temática LGBT+ (gêneros e sexualidades) é Geografia. O quadro com a votação dos temas está na

Figura 1. Tal fato me surpreendeu, pois como já contei, eu só fui saber que esses estudos faziam parte da Geografia no ensino superior.

**Figura 1.** Votação da turma da próxima temática em Geografia

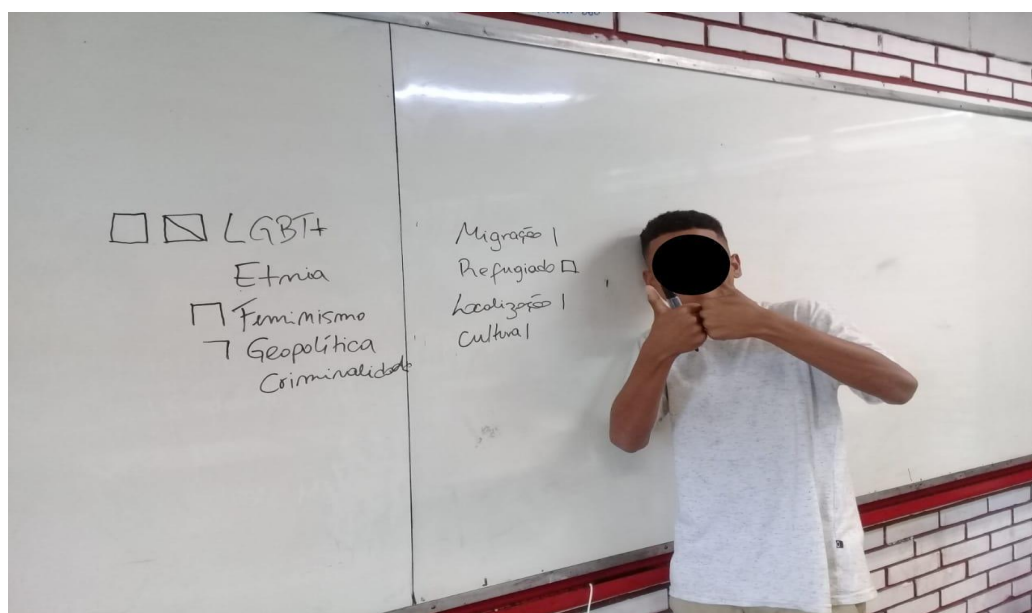


Foto: Michael Zotti

Outro ponto importante para se observar é a ordem em que os temas aparecem, note que “LGBT+” é o primeiro. Eu não influenciei (oralmente) a turma a escolher, tampouco havia falado disso em qualquer outra aula, fiz apenas um questionamento: “O que vocês querem estudar em Geografia?”. A partir disso, surgem reflexões importantes para um futuro professor: “De que forma eu influenciei aquela turma, de modo que escolhessem trabalhar a população LGBT+?”.

O terceiro momento reflexivo vem da união dos dois anteriores e de outros fatores. Considero esta a reflexão mais importante para o trabalho, talvez possamos até chamar de a essência desta pesquisa. “Como a minha vida (minhas narrativas) faz com que eu queira que meus alunos percebam e compreendam a importância de estudar as Geografias Subversivas e de mesmo tom, fazer com que os docentes da Geografia entendam a relevância desses estudos?”. É uma pergunta bastante ampla, que certamente não será respondida por esta pesquisa, mas irá, no mínimo, auxiliar na continuidade pela busca das respostas. O que questiono neste momento

é se o itinerário de vida de um professor influencia na sua autoformação e, ao mesmo tempo, como essa autoformação influenciará na formação dos seus alunos.

O caminho metodológico é tão importante quanto entender o porquê de este trabalho ser Geografia. Uma dúvida (mais uma) surgiu ao escutar, em meio a discussões cotidianas de sala de aula e fora dela, um colega dizer: “Eu quero trabalhar com mundos fantásticos, mas não faço ideia de como isso veio parar na minha mente”. Nem eu! A partir daí me questiono: “Qual o motivo de eu querer trabalhar com narrativas de docentes LGBT+?”, “Como esse tema apareceu e chegou até aqui?”, dentre outras dúvidas que me cercam. Ao mesmo passo que pareço estar cada vez mais distante das respostas (porque a cada leitura, me cerco de mais dúvidas), me sinto confiante em obtê-las ao executar este trabalho de pesquisa.

Aqui serão utilizados os pressupostos teóricos do método autobiográfico. A autobiografia permite, sem pretensão linear de contação de histórias de vida, que o narrador expresse como se constituiu, como os outros, os lugares e os tempos que o construíram enquanto profissional. Este trabalho tem um caráter qualitativo, pois os resultados obtidos darão significado ao acompanhamento da trajetória formativa de docentes LGBT+ de Geografia, sejam eles já diplomados ou estagiários. É possível através desses estudos traçar linhas que expliquem os diferentes saberes e conhecimentos que estes docentes construíram em suas vidas, seja pelo vivido ou pelo pesquisado, estudado academicamente.

Conforme Josso (2010), que estuda autoformação, os participantes de um grupo que estava sendo pesquisado e estava pesquisando ao mesmo tempo, após alguns encontros os participantes eram encorajados a narrar suas histórias. Esse encorajamento levou tanto a falas, quanto a escutas, e a partir dessas escutas Josso foi traçando as evidências e os silenciamentos. Da mesma forma, o dispositivo deste trabalho é a escuta de narrativas. Foram escolhidos quatro docentes LGBT+, aos quais foram oportunizados o tempo e o lugar de fala.

Nos encontros procuramos desenvolver as narrativas dos participantes, com enfoque na relação entre **SER** LGBT+, sua vida escolar como aluno e sua vida como professor de Geografia. A procura pelo desenvolvimento da narrativa oral e/ou escrita se deu de forma discutida, em que, nos encontros, os docentes puderam expor suas autobiografias - em constante construção -.

De acordo com Portugal (2016), a análise de narrativas é um dos métodos mais difíceis, pois ele trabalha com a subjetividade dos sujeitos. Cunha (1997, p. 23) diz que “quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se e reconstrói a trajetória percorrida dando-lhes significados”. E é em busca desses significados que eu escrevo o capítulo seguinte, o **dois, O que o pesquisador tem a ver com isso?** Nesse capítulo eu compartilho as minhas narrativas autobiográficas.

O **capítulo três, Gêneros, sexualidades e Geografia**, irá trazer as justificativas para inserirmos os estudos de gêneros e sexualidades dentro da Geografia. Como já explanado anteriormente, esses estudos podem ser marginalizados por grande parte dos geógrafos. Com o auxílio de algumas autoras pretendeu-se demarcar um “*território*” dentro da Geografia para esses estudos.

No **capítulo quatro, Caminhos metodológicos - A escolha do ouvir** é abordado o método autobiográfico, principalmente a respeito de seus resultados subjetivos e qualitativos. Sempre lembrando que este método surge para fazer frente a pesquisas pragmáticas e deterministas.

Já no **capítulo cinco, A prática em ouvir - Com a palavra, os professores**, é discutida a essência da pesquisa realizada, a partir da união de toda teoria aqui exposta e os resultados das narrativas. Discussões possibilitadas pelas narrativas dos docentes participantes desta pesquisa.

No último **capítulo, o seis**, estão postas as **considerações finais** de todas as discussões levantadas, do que é ser LGBTQ+, de como gêneros e sexualidades integram os estudos geográficos, da importância do método autobiográfico e uma análise final dos resultados.

## 2. O QUE O PESQUISADOR TEM A VER COM ISSO?

Este exercício autobiográfico é muito difícil, eu admito. São muitas ideias e lembranças e algumas estão nebulosas, das quais lembramos apenas detalhes e não mais os fatos concretos. Este capítulo foi escrito antes das entrevistas narrativas com os docentes pesquisados, tão logo, eu já presumia a dificuldade que os mesmos teriam ao passar por um processo semelhante, não igual, pois comigo não há um entrevistador me auxiliando a direcionar meu pensamento, sou apenas eu e eu.

Desde muito jovem, eu sempre me senti diferente. Começo contando da escola, é a primeira coisa que vem à minha mente ao relembrar de minha infância. Sempre ao ser questionado sobre esse período e minha sexualidade, eu não recordo de problemas com colegas, piadinhas, bullying ou algo do tipo. O que lembro é uma conversa que o diretor da escola teve comigo. Não sei o porquê daquela conversa, nem lembro como chegamos nela, mas lembro com clareza o seu teor: O diretor me dava "conselhos" de como viver. Orientava que eu vivesse "normal" até completar minha maioridade e que depois, aos 18 anos, eu poderia ser o que quisesse. O diretor era um homem heterossexual, casado e de fé cristã protestante.

Para situá-los no globo: Eu nasci, cresci e estudei até os 14 anos em Alegrete, interior do RS. Logo ao acabar o ensino fundamental, me mudei para a capital. Aqui tive mais liberdade para ser quem eu era e grandes oportunidades para encontrar pessoas como eu, que poderiam me compreender melhor. É importante dizer que felizmente, eu não segui os conselhos daquele diretor!

No ensino médio, em uma escola municipal de Porto Alegre, fiz algumas amigas. Não entrei para as estatísticas do bullying escolar. Tinha uma relação relativamente boa com todos, inclusive os meninos heterossexuais da escola. Importante ressaltar isso, pois geralmente a homofobia ocorre por parte, justamente, desses meninos heterossexuais. Ainda no ensino médio, eu conheci Agnes, minha melhor amiga e aqui se faz importante registrar que ela é lésbica. Não conheci ela na escola, mas no Senac. Fazíamos Menor Aprendiz pela manhã e estudávamos juntos à tarde, na mesma turma. Morávamos em ruas vizinhas. Íamos e voltávamos de ônibus do Senac e íamos e voltávamos da escola juntos. Passávamos



praticamente o dia todo juntos. Agnes havia recém chegado com sua família da Bahia, antes morou em Farroupilha/RS e depois chegou a Porto Alegre. Sua mãe estava casada com outra mulher. E o fato de ter Agnes como melhor amiga e participar desse lugar que era a casa dela - um lugar livre - fez eu me conhecer ainda mais.

No período escolar, tanto em Alegrete quanto em Porto Alegre eu não senti falta dos assuntos de gênero e sexualidade na escola, por alguns motivos: eu não era alvo de bullying, me assumi e me aceitei relativamente cedo, aos 12 anos, e conseguia compreender com bastante clareza o que eu era. Eu pesquisava bastante sobre isso e sempre tive muita liberdade para realizar essas pesquisas. Era jovem, mas nunca tive dúvidas em relação a isso, na 7ª série eu lembro que era até namoradinho de um colega.

No âmbito familiar, aos 12 anos, eu senti necessidade de contar para minha mãe. Comumente vinham as perguntas sobre as namoradinhas e eu nunca respondi. Decidi que contaria tudo. Era em 2010, provavelmente no dia 9 de maio, porque decidi contar no dia das mães, dar a ela esse presente. No momento ela não reagiu bem, mas não teve nenhuma reação exagerada. Lembro que brigamos, mas no outro dia, ela disse que me amaria como eu era. Ter minha mãe ao meu lado sempre foi acalentador.

Como se percebe, não foram as minhas experiências pessoais que me fizeram querer pesquisar esses temas. Ao chegar a Porto Alegre, eu sempre ouvi muitas histórias de diversos amigos e amigas LBGT+ e de como eles sofreram e foi com certeza isso que me fez ter mais desejo de estudar isso. Desde a 5ª série eu queria ser professor de Geografia. Tive bons professores e sempre achei o conteúdo fantástico. Queria ser como eles, mas no finalzinho do ensino médio uma dúvida veio até mim. E se eu fizesse ciências sociais?! Afinal, eu queria trabalhar com essas questões e no ensino médio elas foram muito mais fortes na minha vida. Eu ponderei, já tinha uma relação forte com a Geografia, desde o ensino fundamental, ela me acompanhava, então não desisti, fui adiante. Fiz o Vestibular, passei no Listão e comecei em 2016.

Na Geografia eu estava contente. Meus amigos diziam que eu era de humanas e eu dizia que não era bem assim, que a Geografia estava no meio, no limbo entre as humanas e as naturais. É uma explicação simplória, mas elucidativa.

Em 2017, como contei a vocês no capítulo anterior, tive esses assuntos trabalhados na universidade através de um projeto de pesquisa. Um tempo depois, no estágio de ensino fundamental, os alunos sugeriram que trabalhássemos com a temática LGBTQ+. Até esses momentos, eu não havia pensado em como esses assuntos se encaixam na Geografia, não entendia que a essência dos corpos também devem ser trabalhadas por nós, professores de Geografia. Eu não tive aulas na universidade sobre o tema, como relatei, foi um projeto de pesquisa sobre a violência LGBTQfóbica no Brasil. E nessa pesquisa conheci Joseli Maria Silva, trazendo esses estudos como fundamentais na Geografia.

Mas foi ver aqueles meus alunos do estágio aprendendo, pesquisando, construindo a junto a mim, suas visões de mundo que me fez refletir sobre a ideia que eu já carregava comigo, a de que é possível fazermos um mundo melhor, em que as pessoas possam se amar e em que não precisem morrer por ser o que são. Ver aqueles alunos animados com o que aprendiam, ver que eles respeitavam seus colegas e que aprender sobre gênero e sexualidade fazia com que eles abrissem sua mente e respeitassem para além de mulheres e LGBTQ+ me fez me ver que estamos no caminho certo.

### 3. GÊNEROS, SEXUALIDADES E GEOGRAFIA

Bem como já explanado anteriormente, o estudo de gêneros e sexualidades pode, por grande parte dos geógrafos, ser deixado à margem da ciência geográfica. Nesse sentido, Roberto Lobato Corrêa escreve na contracapa da obra *Geografias Subversivas: discursos sobre espaço gênero, e sexualidade*, escrita por Joseli Silva, que “gênero e sexualidade são os temas deste livro, que aborda em seus capítulos uma específica espacialidade humana que, sob o domínio do preconceito, foi deixada à margem pelos geógrafos.” (SILVA, 2009, p. contracapa).

A conotação política reforça a necessidade de encontrar na concepção geográfica um espaço para discutir. Convergindo à ideia de Silva, de que esses assuntos são, por vezes, desmerecidos e minimizados, trago outra citação dela dizendo que

discutir gênero e sexualidade no âmbito da geografia ainda gera certos desconfortos e polêmicas. Apesar de essas temáticas estarem presentes na ciência geográfica há mais de trinta anos, é comum as pessoas nos interrogarem sobre a validade das abordagens desse teor para o desenvolvimento teórico e metodológico da ciência. O desmerecimento das nossas pesquisas faz parte de nosso cotidiano profissional [...] (SILVA, 2009, p. 13-14).

Mas por que ocorre esse desmerecimento e o processo de silenciamento? Durante décadas, a essência do saber da ciência ocidental foi dominada por homens, brancos, heterossexuais e professantes da fé cristã, tão logo, todo esse processo de silenciamento decorre de paradigmas antigos, outrora construídos por esses sujeitos. Um saber pautado na valorização desses sujeitos, colocando tudo que é diferente à margem do conhecimento. Mulheres, negros, LGBT+ e professantes de outras fés foram por anos - e alguns ainda são - perseguidos e subjulgados em virtude de suas essências. E a Geografia, uma ciência, não fez diferente e corroborou para o silenciamento dessas populações.

Quanto à validade desses estudos, podemos afirmar que a Geografia estuda o espaço geográfico, e o corpo é um espaço (e privado), logo, não há contra-argumentação para que essas análises sejam realizadas na Geografia. E se os corpos são espaços, estudar como se manifestam e são concebidos em lugares é Geografia, logo,

[sabendo] que toda a existência humana é espacial é uma concepção plenamente aceita pelos cientistas da geografia. Contudo, nem toda a humanidade esteve expressa no conhecimento geográfico. [...] As

ausências e silêncios de vários grupos sociais passaram a ser concebidos como resultado de uma determinada forma de se fazer a geografia [...] (SILVA, 2009, p. 13-14).

Joseli tem várias obras, mas essa em específico com que trabalho, foi a que me deu os subsídios necessários para iniciar nossas discussões e inquietações. Esse livro é de 2009, de 12 anos e lá ela já relatava certa preocupação com os estudos das Geografias Subversivas. De lá para hoje ocorreram diversas mudanças sociais, sobretudo com a representatividade da população LGBTQ+ na grande mídia e a conquista de direitos fundamentais que outrora nos foram negados. A obra segue muito atual, infelizmente. Quem a lê hoje não precisa fazer distinção temporal se é atual ou é de uma década atrás, pois os medos e anseios continuam os mesmos.

Uma pesquisa de Silva (2018, p. 4) realizada em Belém com 35 docentes de diferentes áreas de Ensino Médio revelou que 64% desses professores não tiveram contato com os assuntos de gêneros e sexualidades na sua formação inicial. Outros tantos informaram que não abordam essas temáticas em aula, pois não saberiam como dar continuidade em possíveis debates. E quando acontece uma situação LGBTQfóbica não sabem como realizar uma adequada intervenção. Rúbia Borges e Ivaine Tonini dizem que

A ausência de problematização sobre a questão LGBTQ nos livros didáticos e nas proposições curriculares das escolas, acaba por estimular discriminações e preconceitos para com o público LGBTQ ou para com atitudes ou situações tidas como típicas de gays ou afeminados na escola. (BORGES; TONINI, 2018, p. 104).

Regressando à ideia do silenciamento e marginalização das temáticas, as autoras acima citadas corroboram com essa ideia. Pensem nos livros didáticos que trabalhamos em sala de aula. Em quantos deles observa-se a discussão dessas temáticas? Provavelmente o índice será bem baixo se fizermos uma busca em diversos livros. A quem interessa que essas populações sigam silenciadas? Tanto na formação de professores, quanto na formação dos estudantes, é necessário trazer esses temas ao debate. É necessário preparar os docentes para lidarem com essas situações da vida real. A escola serve muito mais para além de conteúdos engessados, mas para a cidadania e o apreço e respeito à diversidade. Seja qual for.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio, aprovada no ano de 2018, apresenta a competência específica cinco das Ciências Humanas

Sociais Aplicadas (CHSA) de forma que abre possibilidades para esses estudos. Essa competência versa sobre:

**Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.**

**Descrição da Competência:**

O exercício de reflexão, que preside a construção do pensamento filosófico, permite aos jovens compreender os fundamentos da ética em diferentes culturas, estimulando o respeito às diferenças (linguísticas, culturais, religiosas, étnico-raciais etc.), à cidadania e aos Direitos Humanos. [...] (BRASIL, 2018, p. 577).

O documento mais importante da educação nacional traz claramente a necessidade de respeitar os Direitos Humanos. Cabe ao professor, em aula, auxiliar o aluno na construção de seus saberes. Saberes que não devem estar pautados em uma lógica heteronormativa, em que apenas os valores de homens, brancos, heterossexuais e professantes da fé cristã estejam corretos. Nós vivemos, é claro, em um país que prioriza esse padrão, mas é necessário superar nossas próprias barreiras e adotarmos um compromisso em lutar pelos compromissos destacados na Base, sobretudo o de maior importância para este trabalho, o respeito aos Direitos Humanos.

A BNCC ressalta ainda, nessa Competência, outro tema importante da Geografia: a Cidadania. É possível falar de Cidadania sem falar de respeito? Para além dos estudos de gêneros e sexualidades serem espaciais, pois o corpo é um espaço, como já dito anteriormente, esses estudos também estão intrinsecamente ligados às noções de Cidadania, que é parte essencial da Geografia.

Para situá-los: essa é a última versão da base, aprovada no governo Michel Temer, que chegou ao poder a partir do golpe na ex-presidenta Dilma Rousseff, logo, não resta dúvida que há, de certa forma, um silenciamento na própria BNCC. E esse silenciamento pode servir de argumento para que os professores não falem disso em aula, afinal, em momento algum, está claramente escrito **Gêneros e Sexualidades**. E essa é uma falha grave.

Mello e Tonini (2019, p. 4) enriquecem o debate ao trazer uma proposta de trabalho bem simples dentro da Geografia, através da perspectiva dos Estudos Culturais. O trabalho com pirâmides etárias não deve ficar apenas nos números, mas entender o que está por trás deles. Foram levantadas questões como a omissão das identidades de gênero na pirâmide e as questões relacionadas à expectativa, que para pessoas trans no Brasil não é a mesma para pessoas

cisgênero. "O que os Estudos Culturais questionam, dentro da perspectiva política, é: por que atribuímos valor positivo para as masculinidades e não para todas as pessoas?" (MELLO, TONINI, 2019, p. 5).

Como outras possibilidades educativas acerca de gênero e sexualidade na Geografia nós podemos pensar em diversas relações que esse conteúdo pode ter com outros conteúdos de nossa disciplina. Podemos sensibilizar os nossos alunos ao trabalhar com mapas da realidade da população LGBTQ+ pelo país e pelo mundo, como exemplo e relacionar essas questões com a globalização, vivemos no mesmo globo, somos semelhantes em vários aspectos, mas em cada espaço, em cada território há leis vigentes e diferentes para cada tipo de corpo. É necessário entendermos que a Geografia carrega consigo os mapas, mas ela não se resume a isso, mas sim às relações que a partir do globo podemos fazer, conforme corrobora Moreira (2021, p.70)

a Geografia perde [...] riqueza de conhecimento, se não olhar o Gênero e a Sexualidade sobre os deslocamentos populacionais, as migrações, a divisão do trabalho, a apropriação da terra e recursos, a influência sobre o setor industrial e em relação ao consumo direcionado, a participação dos grupos na economia, as prioridades elencadas para o planejamento e gestão de territórios, etc (MOREIRA, 2021, p. 70).

Fernando Seffner questiona já no título de seu artigo para a Revista Textual: "Tem nexos não falar sobre sexo na escola?" (SEFFNER, 2017, p. 22). Esse é um ótimo questionamento que ele nos traz. Daqui podemos depreender alguns pensamentos hipotéticos acerca desta pesquisa, entre eles: "Será que docentes LGBTQ+ tendem a trabalhar mais as temáticas relacionadas à população LGBTQ+ e assuntos de gêneros e sexualidades por fazerem parte da população LGBTQ+?".

Falar sobre isso nas escolas sempre foi tabu. Pensemos na instituição tradicional, que perpassa um longo tempo. Uma escola feita para ler, calcular e produzir, e não para pensar. Kaercher (2018, p. 172) diz que à escola cabe refletir as informações que o aluno obtém em outros espaços, tais como a internet. Complementa, ainda, dizendo que, o educador não deve "fugir" do debate, pois como o mesmo diz em suas aulas, uma aula é o debate organizado de ideias. E cabe ao professor auxiliar na organização dessas ideias. Nesse sentido vai dizer que

Seria pobre demais, seria abdicar da condição de educador para ficarmos na zona do conforto de quem apenas instrui de quem dá informações. Sabemos que a escola já não é mais o local da informação. [...] À escola cabe o papel de discutir mais refletidamente acerca dos cacôs de informações que pegamos aqui e acolá. E isso, mesmo que não se queira,

vai trazer temas espinhosos, às vezes, dolorosos, pra dentro da sala de aula. (KAERCHER, 2018, p. 172).

Ressalta-se, mais uma vez, agora apoiando-se no papel da escola, que é necessário discutir, debater e organizar argumentos e informações acerca da Geografia Subversiva dentro de sala de aula, propôr-se a falar do que é nefando, não no sentido de dizer que esses estudos são algo de que não se deve falar, por ser digno de aversão, abominável, execrável, infando, etc., mas sim de como quem descarta a Geografia Subversiva, a enxerga.

Falar dessa temática é reconhecer que há inúmeros impeditivos para que se fale dela nas escolas (e até em outros espaços), ainda mais nesses tempos em que o ódio à diversidade se propaga em nossos país – não esqueçamos que estamos escrevendo um trabalho sobre a subversão da Geografia no verão/outono de 2020, em que trabalhos desta natureza são perseguidos e escorraçados por governantes e ideologias de extrema direita. Algumas famílias e religiões, com visões mais arcaicas, tolhem, de certa forma, a abordagem desses assuntos, sob um falso viés acusatório de uma escola doutrinadora.

Chamo Seffner novamente, para dizer que o papel da escola é ensinar para conhecer e desconstruir estereótipos, estigmas e paradigmas e não doutrinar ou “obrigar” os alunos a fazerem coisas das quais não gostam. Eis suas sábias palavras:

A educação escolar não obriga ninguém a ser nada em termos de gênero e sexualidade: nem heterossexual, nem homossexual, nem travesti ou transexual, nem assexual, nem bissexual. Não obriga a casar homem com homem nem homem com mulher. Não obriga ninguém a ser monogâmico. Não obriga o beijo [entre] gay[s] nem obriga o beijo [entre] heterossexual[is]. [...] A escola não legisla sobre o modo como cada um pretende organizar sua vida de gênero e sua vida sexual. Em termos de gênero e sexualidade, crianças e jovens não são obrigados a ser nada na escola, podem ser o que quiserem. A única tarefa da escola pública é ensinar a respeitar e acolher a diversidade. (SEFFNER, 2017, p. 28).

Ao encerrar este capítulo sintetizo o seu teor principal: A Geografia e a escola devem servir, antes de qualquer coisa, ao aluno, auxiliando no desenvolvimento pleno de sua Cidadania e de seu apreço e respeito pelas diversidades, pelo desenvolvimento do poder reflexivo e pela necessidade da criticidade consciente para que ele possa entender como se lê o mundo que o contextualiza.

#### 4. CAMINHOS METODOLÓGICOS - A ESCOLHA DO OUVIR

Realizar uma pesquisa é um processo dotado de intencionalidade. Há direcionamentos, ainda que subjetivos, desde a escolha do tema até a escolha de qual fonte usar (Arial ou Times New Roman). O que quero dizer é que em todos os procedimentos, desde o mais simples, há escolhas. Escolhas mais complexas como o tema, essa é difícil, pois a Geografia e a Educação em seus cruzamentos resultam em inúmeras possibilidades e há ainda escolhas bem mais fáceis, pré-determinadas por fatores externos, como a fonte para a escrita deste TCC. As normas da ABNT, que regem a padronização deste trabalho, não possibilitam que eu escolha qualquer outra fonte, além de Arial ou Times New Roman.

E é com esse teor de dúvidas acerca do processo e resultado da pesquisa, que opto pelo método autobiográfico. Poderia ter optado por um método quantitativo, aplicar diversos questionários, produzir gráficos, tabelas e outros dados estatísticos, mas perderia o essencial, aquilo que mais tenho desejo de saber: o que está nas entrelinhas de cada narrativa. Cada docente, para além de responder uma pergunta objetiva de sim ou não, pode trazer diversas outras questões ao responder perguntas mais amplas. E é por isso que eu escolhi o método autobiográfico.

A pesquisa autobiográfica é um método relativamente recente na pesquisa em educação, se firmando na década de 80 para se contrapor ao quantitativismo. Ele apresenta resultados mais subjetivos e qualitativos do que a maioria dos métodos científicos. O método autobiográfico pressupõe a autonomia como um de seus principais fatores. Autonomia para análise dos resultados, havendo a defesa de que as narrativas dos sujeitos pesquisados são suficientes como método, embora sejam materiais subjetivos e qualitativos. Todavia, ser subjetivo e qualitativo não reflete uma inferioridade deste método em relação a qualquer outro, mas reflete um teor heurístico, no sentido de que sempre se pode descobrir mais do que aquilo que se propõe a pesquisar. É um método de descobertas, bem como escrevem Santos e Garms:

por ser qualitativo, subjetivo e distante de esquemas de hipótese e verificação, o método biográfico projeta-se fora do quadro epistemológico até então estabelecido para as ciências sociais. Entretanto, ele possui uma especificidade heurística, que impede o entendimento das biografias como meramente materiais justapostos, isto é, apenas como protocolos dos conhecimentos sociológicos, traduzidos em informações. (SANTOS, GARMS, 2014, p. 3).



Outro ponto bastante importante do método é sua capacidade de nos fazer refletir acerca de algumas questões dadas como certas pelo senso comum. Ouvir que o professor é um ser vocacional e que deve fazer tudo por amor é o que mais ouvimos, mas sabemos que não é bem assim que funciona. Ora, se só o amor já bastasse, nem seria necessário este trabalho de conclusão de curso. O professor se constitui professor e esse método de análise nos auxilia a entender como ocorreu a referida constituição. Quais bagagens históricas, culturais e sociais esse docente carrega consigo e, por conseguinte perpassa para seus alunos? É através das narrativas autobiográficas que podemos melhor compreender as influências desses professores - tanto como seres influenciáveis quanto seres influenciadores -.

Santos e Menezes (2020, p. 36) relatam que o método atua nas nossas três dimensões temporais, o passado, o presente e o futuro, uma vez que ao construir uma narrativa autobiográfica é necessário visitar o passado, usando as lentes do presente, pensando no que nos constitui hoje e como queremos ser/estar futuramente, a depender da parte da nossa vida que estamos narrando. Em tudo há uma intencionalidade. Um bom exemplo é que nós, estudantes de licenciaturas, ao recordarmos de um mau professor, sempre vamos lembrar de suas práticas que julgamos inadequadas pedagogicamente, e sempre vai haver um julgamento a fazer daquelas aquelas, podemos não falar, mas pensaremos, tudo isso porque houve uma intencionalidade do que e para que queremos lembrar. Queremos lembrar para não sermos iguais e nisso há também um esforço para pensarmos em como fazer diferente, afinal, é muito mais fácil fazer como aprendemos.

A Geografia por si só é diferente para cada qual. Cada um de nós tem a sua visão do que é e o que constitui a Geografia. Claro, há coisas fundamentais da nossa ciência em que poucos discordam. Os mapas são nossos, os relevos, a população, mas muitas outras pequenas coisinhas podem ser Geografia ou não. Somos nós, baseados naquilo que aprendemos e na nossa história de vida que vamos fazer uma Geografia única e em decorrência disso construir com nosso alunado o que é, afinal, a Geografia.

Não me sinto apto a julgar qual Geografia é a melhor. A crítica, a tradicional, a cultural... Qual é a melhor? O professor que sabe utilizar o melhor de cada uma, no intuito de explorar a criticidade do aluno e ampliar a sua visão de mundo, culminando

para o pleno exercício da cidadania, esse professor, sim, sabe utilizar a melhor Geografia.

Conforme Ferrarotti (2010, p. 43), o método utiliza-se principalmente de dois tipos de materiais: Os primários, basicamente entrevistas como construtoras das narrativas autobiográficas, e os secundários que são materiais, em sua maioria, não orais, como fotografias, documentos, jornais e outros que contem a história de vida de alguém.

Neste trabalho, preza-se pelos materiais primários, a partir do desenvolvimento de temáticas para a construção das narrativas. As questões realizadas para a construção das narrativas não possuem pontos de interrogações. São perguntas abertas, com um roteiro básico do que seguir, mas não algo limitador. Com todos os participantes da pesquisa, a narrativa foi construída a partir dos seguintes tópicos:

- Infância e juventude em geral;
- Vida escolar;
- Momento de “descoberta” e aceitação LGBT+;
- Interesse pela Geografia e pela docência;
- Planejamento em Geografia; e
- Influências no ensino de Geografias Subversivas.

O método autobiográfico serve tanto para quem escreve o trabalho, como para quem participa do trabalho com suas narrativas e a todos aqueles que lêem o trabalho. É um método onde é possível identificar-se com as histórias narradas e realizar sua própria análise, independente da do observador original. O observador original é aquele que realiza as entrevistas e direciona os sujeitos pesquisados na construção de suas narrativas. Esse observador, a todo o momento, a cada palavra, tira suas conclusões e identifica-se ou não com a história contada.

Acerca disso, Timm diz que

Ao escrevermos em histórias de vidas, precisamos ter presente que não estamos simplesmente reproduzindo ditos de quem pensamos, estamos, isto sim, olhando uma vida de nosso jeito, de tal forma que não somente a ele é possível ver-se no texto, mas, também, nós mesmos podemos nos enxergar nesse texto. (TIMM, 2010, p. 51).

O método, ainda relacionado à questão de identificação, serve como um elemento formativo a quem se identifica ou não. No caso deste trabalho, ele

direciona-se tanto para profissionais LGBTQ+ da Geografia, quanto para aqueles que não fazem parte desse grupo.

Cada um de nós terá sua própria interpretação do que for lido/ouvido. E essa é mais uma das riquezas desse método. Devido às jornadas formativas de cada qual, é possível inferir uma visão única acerca da jornada que se lê/ouve e com isso reorganizar a sua própria jornada. E justamente por esse teor, o estudo desse método se torna bastante importante na área educacional. Santos e Garms (2014, p. 9) trazem alguns tipos de narrativas a serem explorados para a formação de professores, entre elas as narrativas de crítica social que são extremamente importantes no que tangencia ao seu poder formativo para incentivar que os sujeitos construam sua criticidade ao reconhecer questões de grande relevância social, o racismo, as questões de gênero e sexualidade, dentre tantas outras pautas silenciadas na escola, afinal, cada docente tem sua trajetória e cada um irá trazer diversas questões reflexivas.

Utilizar do método autobiográfico nos cursos de formação inicial e continuada irá agregar a quem conta sua história e a quem a ouve. O professor-narrador tem a oportunidade de rever seu percurso formativo até dado momento e com certa intencionalidade, refletir acerca de seus passos e agir para alterar ou permanecer no rumo que tem tomado. E servirá ao aluno-ouvinte no que compete à identificação com aquelas histórias e por conseguinte agirá sobre seu próprio percurso. São movimentos agregadores.

É importante ressaltar como o método autobiográfico coloca os sujeitos como protagonistas de sua formação e também como protagonistas no processo de investigação sobre a referida formação. Intentar entender o porquê de um professor trabalhar a população LGBTQ+ em aula e outro não, é uma característica do método. Um professor, como dito na frase anterior. O método também respeita a individualidade de cada ser, não se propõe a ser um método generalizador.

É possível, através das narrativas, compreender como determinadas estruturas sociais influenciam na construção do ser, de como se dá a interação social, ainda que de forma micro. De como cada docente irá atuar frente às diversidades, tudo relacionado com sua formação e sua autoformação. E em tempos tão adversos como os que vivemos, falar das diversidades torna-se um desafio, todavia, não devemos esquecer do poder reflexivo da escola. Costella (2020, p. 56)

corroborar para a ideia de uma escola reflexiva, pautada na criticidade intelectualizada e nos destaca que o professor sempre traz consigo elementos ocultos de cada conceito ou conteúdo. Cabe a nós pautarmos as Geografias Subversivas em aula.

## 5. A PRÁTICA EM OUVIR - COM A PALAVRA, OS PROFESSORES

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes  
Que nem devia tá aqui (VASSÃO, EMICIDA, DUH, 2021.).

Por conta da pandemia do coronavírus, as construções das narrativas tiveram que ser realizadas de forma on-line. Os participantes da pesquisa foram convidados a contar suas histórias de vida, principalmente, no que tangencia ao ser docente LGBT+. Os sujeitos, em ordem alfabética, são **Alex**, 23 anos, homossexual, mora em Pelotas, é estudante de licenciatura na UFPel e atua como professor de Geografia em um Curso Pré-Vestibular; **Anderson**, 25 anos, homossexual, mora em Porto Alegre, também estuda licenciatura, mas na UFRGS e atua como professor de Geografia em um Curso Pré-Vestibular; **Maria**, 23 anos, é bissexual, mora em Porto Alegre, é estudante de licenciatura na UFRGS e já atuou como professora-bolsista no PIBID; e **Matheus**, 34 anos, homossexual, mora em Porto Alegre, estudou licenciatura na UFRGS, é especialista em ensino de Geografia e História pela mesma universidade e atua como professor de Geografia e Sociologia em duas escolas públicas. Ao lado do nome dos sujeitos ao longo deste capítulo, está indicada a página onde encontra-se o referido momento na narrativa. E as narrativas, na íntegra, estão no Apêndice deste TCC.

Gostaria de salientar a dificuldade para a escrita deste capítulo. Mesmo com certo domínio do método autobiográfico, é difícil ouvir e ler todas as histórias e relacioná-las à intencionalidade desta pesquisa. Mas por um momento parece que eu havia esquecido de um de seus conceitos principais, o teor heurístico do método. A todo momento os sujeitos trazem questões diferentes, questões para além daquilo que havia sido imaginado ao realizar esta pesquisa, mas é justamente o teor heurístico que dá riqueza ao trabalho. Com ele, é possível - e preciso - observar as entrelinhas. Não bastava que houvesse a sobreposição das quatro narrativas e pronto.

A história do pesquisador se funde facilmente com as histórias dos sujeitos. Aqui aparece o aspecto formativo de dupla face. Ao ler observamos a formação que constitui cada sujeito e para além, essa leitura é realizada com base no itinerário formativo do pesquisador. Não há como dissociar o sujeito e o pesquisador nesta pesquisa. Uma professora sempre dizia que ao vermos o mundo, colocamos nossos

próprios óculos - o que podemos interpretar como nossa formação de vida - e por isso cada um tinha visão bastante distinta, dizia ainda que o mundo era o mesmo, era um só, mas que as visões eram múltiplas.

As biografias não devem ser tomadas como "exemplo" de alguma coisa. Não é esse o objetivo do método, não se deve generalizar o que um ou quatro professores LGBTQ+ fazem e fizeram e definirmos como se todos aqueles outros milhares de professores LGBTQ+ fossem iguais. Existe, certamente, por aí, alguns professores heterossexuais muito mais "desconstruídos" socialmente do que professores LGBTQ+, tudo irá variar conforme o processo formativo de cada qual.

Uma palavra foi comum e recorrente em todas as narrativas, a LGBTQfobia, ou suas variantes, homofobia, lesbofobia, bifobia, enfim... De uma forma velada ou de maneira bem mais clara e objetiva, ela se mostrou uma companheira inseparável na vida escolar de todos esses sujeitos, todavia como bem evidencia a epígrafe deste capítulo, é mais importante que deixemos esses professores falar e mais importante ainda, que sejam ouvidos. Agora, será feita uma análise das narrativas em conjunto, traçando particularidades, silenciamentos, inquietações e outros momentos, a partir da ótica do pesquisador.

### 5.1. "Descoberta", autoaceitação e bullying escolar

Neste ponto instigou-se que os docentes contassem mais sobre suas infâncias e juventudes e os momentos de "descoberta" e autoaceitação enquanto LGBT+. A descoberta vem entre aspas porque este autor não vê este momento como uma descoberta, no sentido literal da palavra. Alguém já viu algum heterossexual ser questionado sobre quando ele descobriu que era hétero? Provavelmente não. Talvez a pergunta a ser feita seja outra: "Quando você descobriu que não se encaixava na norma padrão de sexualidade vigente?".

Uma coisa importante a ressaltar é que este subtítulo 5.1 foi, primeiramente, dividido em outros três subtítulos: "Descoberta", Autoaceitação e Bullying escolar, mas torna-se impossível falar de uma coisa sem que haja relação com as outras duas. Em geral, o processo de "descoberta" ocorre durante a vida escolar, onde o bullying é um forte elemento presente, e tal discriminação culmina na dificuldade da autoaceitação dos sujeitos, fazendo-os que ignorem seus sentimentos para se encaixarem em um padrão heteronormativo.

O professor Alex (p. 47-48) é o primeiro a nos contar suas histórias de vida. Ele começa narrando que a sua afirmação e autoaceitação enquanto homem gay foi de certa forma "atrasada" em decorrência dos ambientes que frequentou quando criança, sua casa, a escola e o CTG. Esses ambientes machistas e LGBTfóbicos que idealizam uma imagem do que é o homem e aquele que não se comportar como tal, será excluído, agiram como ambientes silenciadores que o fizeram esconder, ao máximo, quaisquer possibilidades de autoaceitação. Ele sentia coisas e não aceitava, tão logo, colocava suas energias em outras coisas, como estudar, por exemplo, mas com cautela ouvia uma música, um dos desejos mais simples, pois temia ser alvo de mais bullying por conta de seu gosto musical não tão centrado na heteronormatividade.

Todas as histórias, de alguma forma, se entremeiam. No quesito "atraso" na descoberta da sexualidade, temos também o professor Anderson (p. 61). Ele nos conta que sempre foi uma criança com estereótipos afeminados, mas que não forçava nada, simplesmente era assim. Ele não gostava muito de ir à escola, porque sofria bastante bullying e lembra ainda, que na escola, quando se falava sobre gay

era apenas para fazer piada. Todo esse processo escolar o levou a um processo mais lento e gradual de sua descoberta e autoaceitação, assim como Alex.

Nos parágrafos anteriores, o verbo atrasar apareceu entre aspas algumas vezes. Ambos os professores, Alex e Anderson, consideram-se em um primeiro momento como tendo seus processos de autoaceitação tardios, mas depois ponderaram que cada qual tem seu próprio processo e que não estamos em uma corrida. De fato, é interessante refletir sobre isso. São diversas as variantes que influenciam na autoaceitação de cada LGBT+, sendo os principais o apoio familiar e o apoio escolar.

Pensar também nos adolescentes heterossexuais é importante. Geralmente para eles não há um processo de autoaceitação, afinal, estão seguindo as regras da cultura heteronormativa. Baseados nesse conceito espera-se que um homem seja, ao crescer, heterossexual e se ele é, são bem menores suas preocupações com a LGBTfobia escolar.

Mas afinal, o que é a heteronormatividade de que tanto falamos? Esse conceito está presente em todas as nossas relações sociais e quase sempre, o reproduzimos sem nos darmos conta, desde pequenos, quando fazemos aquela brincadeirinha entre duas crianças, um menino e uma menina: "eles são lindos, vão formar um belo casal". Em suma, a heteronormatividade tem o papel de priorizar a sexualidade heterossexual em detrimento das outras, marginalizando tudo aquilo que for diferente do que se espera. Corroborando para a ideia de reproduzirmos esse padrão sem nem nos darmos conta, Miskolci (2011, p. 55)<sup>2</sup>, conforme citado por Elian (2013, p. 2), diz que

O modelo heteronormativo é encontrado dentro da escola e serve para pautar muitas de suas condutas tanto com alunos quanto com o corpo docente. Fazer com que alunos sigam padrões sociais é um dos papéis que se instalam no ambiente escolar. A imposição heteronormativa normalmente não é percebida, já que ela foi se naturalizando na sociedade pela repetição ao longo dos séculos. (MISKOLCI, 2011, p. 55 apud ELIAN, 2013, p. 2).

Regressando à ideia de que todas as histórias se entremeiam, sigo com Alex (p. 49) e Anderson (p. 61). Os dois professores em seus processos de autoaceitação fizeram um mesmo ato: contaram às suas amigas lésbicas que eram homossexuais. E os resultados para ambos os atos também foram parecidos, os dois foram

---

<sup>2</sup> MISKOLCI, Richard. Não ao sexo rei: da estética da existência foucaultiana à política queer. In: SOUZA, Luís Antonio Francisco de; SABATINE, Thiago Teixeira; MAGALHÃES, Boris Ribeiro de. (Orgs.). **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito**. Marília: Oficina Universitária, 2011. p. 47-68.



acolhidos. A população LGBTQ+ compreende os processos pelos quais quase todos passam, e por isso, desenvolvem um senso de empatia para realizar o acolhimento de outros que estão passando pelos processos de aceitação. Os amigos, muitas vezes, ocupam lugar essencial nessa acolhida, lugar não preenchido nem pela escola nem pela família.

O silenciamento foi outra palavra bastante recorrente. Matheus (p. 57) relata que não reagia aos ataques homofóbicos na escola com medo de que seus pais fossem chamados à diretoria e soubessem o que ocorrera. Se os pais descobrissem o motivo de uma possível briga, talvez houvesse outra briga em casa. Mais adiante, no ensino médio, ele acredita ter sofrido de depressão, pois muitas vezes teve vontade de acabar com a própria vida e, por consequência, acabar com uma infância e juventude cheias de sofrimento não compartilhado, um sofrimento silencioso. Maria (p. 53-54) deixou de usar roupas largas, como se sentia confortável, devido à pressão psicológica que sofria por parte dos colegas, era um bullying pesado, como ela mesma define. Os ataques sempre colocavam em dúvida sua orientação sexual e sua expressão de gênero. Diziam que ela parecia um menino e a questionavam constantemente sobre ser lésbica. Assim como Matheus, Maria não respondia aos ataques, com uma diferença, não por medo de o assunto chegar em casa, mas por não se ver como bissexual, ela ainda estava no começo do processo de autoaceitação, se identificava como heterossexual, e tão logo, não reagia às intimidações LGBTQfóbicas.

De maneira geral, os quatro professores não tiveram os melhores anos de suas vidas no período escolar, principalmente porque muito sofreram por apenas ser quem são. E se os professores desses, hoje, professores tivessem agido de outra maneira? Os relatos não dão detalhes sobre o papel que os professores exerceram sobre isso, mas os resultados de uma pesquisa de Silva e Rosa (2013, p. 335) mostram que os licenciandos não têm, em sua formação inicial, um período destinado a discutir questões referentes ao bullying escolar dentro de suas aulas universitárias; evidenciam, ainda, que os licenciandos que tiveram contato com essas discussões, foi porque eles mesmos trouxeram o assunto à tona. A pesquisa delas é de 2013, e certamente, o debate de lá para os dias atuais avançou, mas mesmo assim, são esses docentes que atuam em sala de aula e têm contato diariamente com o bullying para o qual não foram preparados para lidar. Haja vista, é

necessário repensarmos os currículos das licenciaturas, a fim de que possamos contemplar a grandiosidade do tema na vida de tantos dos nossos alunos, o bullying escolar.

Alex (p. 48) não lembra de seus ex-colegas praticantes do bullying com raiva, mas espera que eles tenham conseguido refletir sobre o Outro, assim como ele conseguiu refletir sobre esses ex-colegas para tentar entender os motivos que os levavam a praticar toda aquela violência, e nessa reflexão ele infere que esses adolescentes são o reflexo da criação que eles tiveram. Ristum (2010, p. 112) fortalece essa ideia ao elencar os dois fatores causais do bullying, os fatores culturais e os fatores familiares. Nos fatores culturais estão presentes os alguns aspectos culturais, como a LGBTfobia que se manifestam na escola através de, principalmente, regras infundadas, competição entre os alunos, a visão dos alunos como produtos e a avaliação na sua forma tradicional. A autora sintetiza ao dizer que “Os (anti)valores citados propiciam um clima escolar favorecedor da ocorrência de bullying, de intolerância com os diferentes e também de ações punitivas e policiaescas dos educadores.” (RISTUM, 2010, p. 113). Dentro dos fatores familiares, Ristum (2010, p. 114) destaca alguns importantes subfatores:

- falta de tempo e de atenção dos pais;
- falta de participação nas atividades dos filhos;
- falta de coesão e solidariedade entre os membros da família;
- ausência de afeto nas relações familiares;
- incoerência nas práticas disciplinares e de orientação;
- uso da violência nas relações familiares cotidianas;
- abuso de poder e uso exagerado de punição;
- falta de normas;
- superproteção dos filhos;
- forma violenta de resolução de conflitos parentais e entre irmãos. (RISTUM, 2010, p. 114).

Como observamos, são diversos os fatores que podem levar à prática do bullying. Não cabe somente à escola e nem somente à família resolver de forma individualizada o problema. Nem cabe e nem há essa possibilidade. O bullying perpassa ambientes, mas atinge sobretudo os adolescentes dentro das nossas escolas. Cabe ao docente ter um olhar apurado às essas questões e intervir em conjunto à família sempre que necessário e possível, pois como disse Alex, esses estudantes são um reflexo dos pais, tão logo, muitos dos pais certamente vão concordar com as atitudes de seus filhos. É necessário aprender a respeitar o diferente. E que lugar melhor para fazermos isso do que uma sala de aula cheia de

gente diferente e com a Geografia? A sala de aula é um ensaio para o mundo. Santos, Baierle e Urnauer (2021, p. 33) convergem à essa ideia ao dizerem que

Trazer o diferente, culturalmente falando, é imprescindível para que o aluno esteja preparado para o mundo plural que vivemos, assim como trabalhar com aspectos presentes no seu cotidiano, aos quais ele já está mais acostumado, também é fundamental, visto que existe a possibilidade de trazer novos olhares para esse aspecto. De que adianta trabalhar muito bem com o conhecido, mas não criar oportunidades para o novo? (SANTOS, BAIERLE, URNAUER, 2021, p. 33).

Após todos os movimentos de silenciamento e medo, esses professores encontraram acolhimento ao sair da escola. Maria (p. 54) conta que pôde conhecer mais sobre si mesma ao chegar à capital, recém saída do interior, e se matricular em um cursinho pré-vestibular. Foi acolhida, sentiu-se, finalmente, em um ambiente escolar seguro em que podia ser ela mesma. Um fato marcante de sua liberdade é o retorno às suas roupas largas. Ao ingressar no cursinho, vestia-se como era exigido pela heteronormatividade outrora imposta, de roupas justas, e ao sair, no final do ano pôde ser quem é e usar o que queria. Alex (p. 50) tem uma trajetória similar com a saída da escola, sentiu-se livre e acolhido ao ingressar na universidade e conseguia se identificar em outros. Ele ressalta que isso é muito importante porque quando temos identificação com os outros, nos tornamos mais fortes.

Foram diversas as palavras evidenciadas neste subtítulo, todavia é necessário acrescentar mais uma. Essa última irá representar tudo o que esses professores contaram. Ela ainda não havia aparecido. É a resistência. Esses professores resistiram - e ainda resistem - para chegar aonde estão. O dicionário Michaelis (2021) traz cinco definições de resistir, mas a que mais se adequa aos nossos professores é "manter-se firme; não sucumbir". E é exatamente o que eles fazem. Mesmo com todas as adversidades, se mantêm firmes, não sucumbem, enfim... Resistem!

## 5.2. Interesse pela docência em Geografia

Alex (p. 50), Anderson (p. 61-62) e Maria (p. 55) não tinham em mente, em seus primeiros planos, serem professores de Geografia, mas a vida os trouxe a esse outro rumo. Alex queria ser advogado, tentou o Vestibular da UFRGS, mas não foi chamado no listão, resolveu então se inscrever no SiSu, em que aproveitou para pesquisar vários cursos em diversos lugares do Brasil e acabou ingressando na licenciatura em Geografia na UFPel. Depois de um tempo, até foi convocado por outras chamadas para cursar Direito na UFRGS, mas aí já era um pouco tarde. Como ele mesmo disse, cursar licenciatura em Geografia foi a melhor coisa que lhe aconteceu. Anderson converge à ideia de gostar do que cursa atualmente, mas teve uma trajetória um pouco diferente. Antes de cursar licenciatura em Geografia, ele fez Contabilidade por dois anos, mas não gostou e desistiu. Chegou a pensar que o ambiente universitário não era para ele, mas foi aí que um amigo lhe deu um precioso conselho: de que cursasse Geografia, afinal, como ele gostava muito de biologia na época escolar e como gostava das discussões acaloradas da sociologia no cursinho pré-vestibular, nada melhor do que a Geografia que uniria o ser humano e a natureza. Ele seguiu o conselho e não se arrependeu. Maria sempre teve dificuldade na escola para que conseguissem prender sua atenção, mas isso mudou com uma professora de Geografia, ela era engraçada e fazia uma aula super envolvente, como bem disse Maria, todavia, essa professora não fez com a nossa pesquisada quisesse ser professora, de imediato, despertou o interesse pela Geografia, isso sim, mas o desejo de ser docente só chegou ao frequentar o cursinho pré-vestibular, até então ela estava certa em cursar o bacharelado.

É notável o desinteresse da juventude em seguir carreiras na área da educação, vemos também pelos nossos professores do parágrafo anterior. Nenhum deles, em um primeiro momento, queria ser professor, mas por que existe tamanha desambição em seguir nessas carreiras? Nós podemos levantar diversos argumentos, como a desvalorização docente pela sociedade, baixos salários, grandes cargas de trabalho, altos níveis de estresse e diversos outros. Nesse sentido, cito Almeida, Tartuce e Nunes (2014, p. 105) para nos ajudar:

Abordar os fatores ligados à atratividade da carreira docente exige considerar que o processo de escolha profissional e a inserção no mundo do trabalho são cada vez mais complexos, o que significa que as possibilidades de escolha profissional não estão relacionadas somente às

características pessoais, mas principalmente ao contexto histórico e ao ambiente sociocultural em que o jovem vive. (ALMEIDA, TARTUCE, NUNES, 2014, p. 105).

Qualquer jovem inserido em diferentes ambientes socioculturais vai frequentar um ambiente em comum, a escola. E é nesse espaço que esses jovens criam suas percepções sobre o ser docente, afinal, tem tempo para isso, são, no mínimo, 14 anos dentro da escola. E essa percepção é que faz com que os alunos após saírem não tenham o desejo de retornar. Nesse ponto, talvez meu argumento pareça repetitivo e cansativo aos professores, mas infelizmente ainda é a realidade: é necessário que os governos promovam a valorização do professor. Hoje, observamos no Brasil, uma guerra aos docentes. O governo federal persegue os professores, os deputados colocam em pauta medidas que cerceiam a liberdade de aprender e ensinar e, enquanto seguirmos nesse caminho, cada vez menos alunos irão se interessar em serem professores.

E a Geografia? Além de querer ser professor, nossos alunos também não demonstram muito interesse pela Geografia. Muitas vezes é apresentada ao aluno, uma Geografia fria e distante, sendo que ela está conosco o tempo todo. O aluno não consegue traçar relações do seu cotidiano para realizar suas análises de mundo. O professor pode - e deve - trazer assuntos como temas do cotidiano, afinal, sexualidade, questões étnico-raciais e outros são prementes no nosso dia a dia. A Geografia pode ser relacionada com todas essas questões como já vimos anteriormente. É possível trabalhar questões físicas e humanas ao mesmo tempo, é possível mesclar os assuntos, porque no final das contas, a Geografia é uma só e ao mesmo tempo, múltipla.

### 5.3. Geografias Subversivas - Memórias discentes e perspectivas docentes

Neste subtítulo, os docentes foram convidados a narrar suas memórias da época escolar enquanto alunos no que tange às experiências que tiveram como ensino de gênero de sexualidade e as perspectivas traçadas, hoje, enquanto professores em relação às mesmas temáticas. Nenhum dos quatro sujeitos teve essa abordagem enquanto aluno. Nota-se aqui a invisibilidade na educação básica desses assuntos dentro da Geografia e da escola em geral. Apenas Alex (p. 51) diz ter tido pequenas discussões nas aulas de sociologia, Maria disse que só foi ver essas temáticas no cursinho pré-vestibular e que, antes, nem imaginava os ganchos que poderiam ser feitos com a História e a Geografia.

Acerca da falta que trabalhar com as questões subversivas na escola fez, Anderson relata que poderia ter desenvolvido um melhor conhecimento de si e mais cedo, se esses assuntos fossem discutidos em aula, e havia ainda, a possibilidade de o bullying ser significativamente menor, pois os outros alunos teriam ciência de que outros padrões diferentes da heteronormatividade não estão errados e que existem diferenças entre as pessoas que devem ser respeitadas.

Os pesquisados trazem uma palavra: medo. Maria (p. 55-56) disse que algumas vezes perdeu oportunidades de trabalhar esses assuntos por sentir a turma em um ambiente hostil, não aberto a discussões assim. Matheus (p. 58) acredita que muitos professores não trazem o debate à tona por medo, mas que devemos aproveitar o espaço que a população LGBTQ+ tem conquistado junto à mídia para trabalhar em aula. Alex (p. 51) conta que essas questões ocultas no currículo acabam sendo mais internalizadas de cada professor e cada um vai trabalhar como entende e também corrobora para a ideia de medo por parte dos docentes.

Os nossos quatro pesquisados manifestaram o desejo de trabalhar essas questões em suas aulas e reconheceram a importância desses estudos. Alex (p. 51) relata que é necessário ter cuidado ao trabalharmos esses temas polêmicos e espinhosos para muitos, pois pode causar desconforto, ao invés de auxiliar o aluno a compreender o Outro. Dependendo de como o tema é abordado, pode afastá-lo ainda mais. Diz ainda que não cabe a nós fazermos com que os discentes pensem iguais aos seus professores, mas que consigam construir ferramentas para pensar sozinhos, mas sempre com respeito e apreço, se não qual a função docente se não

auxiliar o aluno na construção da sua visão de mundo?! Ele ainda traz uma de suas atividades como exemplo. Ao trabalhar cartografia, tenta trazer mapas da situação LGBT+ pelo mundo, unindo esses conteúdos. Matheus (p. 59) confessa que sente ter perdido alguns momentos, como em que os alunos estão fazendo perguntas triviais, se é casado, se tem filhos. Ele, por ser tímido em relação a esse assunto, acaba dando respostas mais abertas. Tem ciência de que poderia melhor aproveitar esses momentos.

Nenhum dos professores viu gênero e sexualidade como conteúdos pertinentes à Geografia especificamente, mas pertinentes à escola, em geral. É claramente, dada a sua dimensão, um tema a ser trabalhado por todos, desde a Matemática até a Sociologia. Não cabe - ou não deve caber - somente a alguns poucos professores auxiliarem os alunos na construção desses conhecimentos. E esses professores não devem necessariamente ser LGBT+, eles podem ser cisgêneros ou ainda heterossexual. É necessário que eles também atuem para dirimir o preconceito, mas novamente, como cobrar desses docentes algo que não está em seu percurso formativo? Esses docentes não sentiram o bullying, olhares estranhos, não ouviram piadas quanto à sexualidade, não passaram por nada disso e, tão logo, poucos deles, por empatia e humanidade irão pautar esses temas em aula. Ressalto outra vez que o método que utiliza não tem o intuito de generalizar. Podemos ter diversos docentes LGBT+ que não trabalham essas questões, assim como diversos docentes não-LGBT+ que trabalham essas questões. Tudo irá depender do "óculos" que utilizam para enxergar o mundo.

Anderson (p. 63) traz uma inquietação final, ao falar que é necessário atualizar os currículos da Geografia e que talvez uma das culpas de ele não saber como trabalhar esses conteúdos seja da universidade por certa omissão, corroborando a algumas ideias já expostas neste TCC. Aproveito para finalizar o capítulo com uma frase similar a que Anderson encerrou sua narrativa: Talvez o próprio fato de serem professores LGBT+ assumidos seja bastante impactante na sala de aula e influencie nossos alunos no que tangencia ao respeito às diversidades.

## 6. AS CONSIDERAÇÕES PARA NÃO FINALIZAR

É importante destacar a riqueza do método autobiográfico para a análise das narrativas. Foi a primeira vez que trabalhei com o método e por não conhecê-lo bem, não o entendia muito. Tem um ditado popular por aí que diz que nós só aprendemos na prática. Não concordo totalmente, se aprende muito na teoria, mas a prática é um bom construtor de qualquer saber. E colocar o método autobiográfico em campo para analisar essas narrativas me fez vê-lo sua efetividade como um método heurístico a que se propõe ser. Foi possível vislumbrar muitas outras coisas da caminhada de cada docente, além de dar conta do objetivo geral desta pesquisa, que era identificar as influências de docentes LGBTQ+ no ensino das Geografias Subversivas a partir das suas narrativas formativas.

Durante a introdução deste trabalho, fiz algumas perguntas e dentre elas eu questionava “por que isso [gêneros e sexualidades] é Geografia?”. O método de pesquisa me auxilia mais uma vez. Com os sujeitos narrando suas histórias, é possível ao observador se ver em cada história e observar também os processos de silenciamento presentes em sua formação. Durante 14 anos frequentei a Educação Básica e em nenhum momento as populações LGBTQ+ foram pautadas dentro do ensino da Geografia. Tivemos algumas questões na Sociologia, outras em Cultura Religiosa, mas nunca em Geografia, pois essa se detia aos mapas sem fazer relações entre eles e a realidade do alunado. A Geografia é uma ciência que estuda o Espaço Geográfico e suas relações em diferentes temporalidades e com intencionalidade e sociedades distintas e interligadas. Se é uma ciência do espaço e do que nele ocorre deve tratar desses assuntos com facilidade, pois a Geografia lida com a humanidade, a violência, os dados e em tudo isso há relações com a população LGBTQ+.

Outra consideração premente que se faz é acerca da não chegada das temáticas de gênero e sexualidade nos nossos alunos. Como queremos que esses assuntos cheguem até nossos alunos se nossos próprios professores em formação não estudam sobre essas questões? Esta pesquisa mostrou que, por conta de suas histórias de vida, os professores LGBTQ+, em sua maioria, entendem a grandeza e a importância desses estudos e farão esforços para que eles cheguem até a base, até nossos alunos. Mas, por questões demográficas, nós inferimos que a população



LGBT+ não é maioria na população e logo, reflete na escola, não sendo esses docentes a maioria na escola também, logo, a maioria não trata essas questões como essenciais. Eis aqui a preocupação principal que eu, ao começar a pensar neste trabalho, não elenquei como hipótese: de que um dos problemas principais seria a formação básica. A instigação para a pesquisa desses assuntos vai muito além do que pesquisar para um simples trabalho, mas de discutir como elemento essencial dentro da Geografia e dentro da sala de aula.

Mais uma consideração importante é o medo dos professores para trabalhar esses assuntos. Parte do medo seria facilmente resolvida com preparo e conhecimento prévio sobre o que vai se falar. Outra parte do medo possivelmente se dissolveria ao longo do tempo, ao se aprofundar cada vez mais nos debates e discussões. Haverá resistência por parte do alunado, isso é óbvio, sempre há, na mais singela mudança do padrão com o que estão acostumados. É um trabalho diário e árduo, cansativo às vezes, mas não deve haver espaço para desistirmos. Os alunos precisam compreender que essas pessoas diferentes de si vivem na sociedade, podem ser seus colegas, chefes, vizinhos e que qualquer postura inadequada pode causar danos irreparáveis a essas pessoas. Observa-se que os docentes LGBT+ influenciam mais os seus alunos a pensarem na população LGBT+ em Geografia, seja por sua postura, seja por sua expressão de sexualidade, seja pelo direcionamento que dão aos conteúdos, enfim. São diversos fatores que podem se relacionar com essa influência.

É inegável o teor construtivo das autobiográficas. Ao começar este projeto, eu sentia necessidade de falar sobre as populações LGBT+ em minhas aulas. Já era algo premente em minha trajetória. Ouvir as histórias de vidas de outros colegas me fez ter certeza que o rumo é esse. Ouvir essas histórias me fez ter certeza de que as coisas precisam ser mudadas. E como já disse algumas vezes, essa mudança começa pela educação. A escola deve educar para os direitos humanos.

Essas considerações não têm o intuito de finalizar esta pesquisa. Ela ainda é inicial, e para além, há muito mais a ser discutido e construído. Daqui a algum tempo, infelizmente, se alguém fizer uma pesquisa semelhante a esta poderá observar considerações bem parecidas. E por ser um trabalho inicial, espera-se que os que vieram após, tragam considerações diferentes. Tragam noções da Geografia

mais abertas às Geografias Subversivas, tragam noções da importância desses temas na educação superior e na educação básica.

Temos ciência de que as coisas não irão mudar expressivamente em alguns anos. É necessário, portanto, nesse processo de dar voz aos que pouco são ouvidos, os LGBTQ+, atualizar currículos, tanto universitário quanto escolares, conquistar espaço nas grandes mídias, e, sobretudo, influenciar a sociedade a pensar sobre gênero e sexualidade como aspectos presentes em suas vidas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Patrícia Albieri de; TARTUCE, Gisela Lobo Baptista Pereira; NUNES, Marina Muniz Rossa. Quais as razões para a baixa atratividade da docência por alunos do ensino médio? **Psicologia: Ensino & Formação**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 103-121, 2014.

BORGES, Rúbia Aparecida Cidade; TONINI, Ivaine Maria. Nem só de mapas se faz a Geografia: os diferentes nas aulas de Geografia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al (Orgs.). **Movimentos para ensinar geografia - oscilações**. Goiânia, v. 4: C&A Alfa Comunicação, 2018. p. 91-110.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

COSTELLA, Roselane Zordan. Do interior de uma combi escolar vislumbrando o licenciar. In: MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypyczynski; TONINI, Ivaine Maria; COSTELLA, Roselane Zordan. (Orgs.). **Geografias interativas**. Florianópolis: UDESC, 2020. p. 49-68.

CUNHA, Maria Isabel da. Conte-me agora! as narrativas como alternativas pedagógicas da pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 23, n. 1/2, p. 185-195, jan./dez. 1997.

ELIAN, Isabella Tymburibá. A heteronormatividade no ambiente escolar. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10, 2013, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: UFSC, 2013, p. 1-7.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN, 2010. p. 31-58.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN, 2010. p. 59-79.

KAERCHER, Nestor André. Entre velhos, jovens, gays, migrantes, mulheres, negros, há uma epistemologia que embeleza a prática desses mestres: ouvir, dialogar, perguntar. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al (Orgs.). **Movimentos para ensinar geografia - oscilações**. Goiânia, v. 4: C&A Alfa Comunicação, 2018. p. 169-184.

PORTUGAL, Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos de; RIBEIRO, Solange Lucas (Orgs.). **Formação e docência em geografia: narrativas, saberes e práticas**. Salvador: EDUFBA, 2016.

MELLO, Tyrone Andrade de; TONINI, Ivaine Maria. Gênero e Sexualidade: Onde estão no livro didático de Geografia? In: XIII ENANPEGE, 2019, São Paulo. **Anais**. São Paulo: ANPEGE, 2019, p. 1-10.

MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. **RESISTIR**. Ed. Melhoramentos. Disponível em: [michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/resistir](http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/resistir). Acesso em: mar. 2021.

MOREIRA, Carlos André Gayer. **GEOGRAFIAS QUEER & CURRÍCULO: Por Uma Educação Geográfica Fora do Armário!**. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 209. 2021.

RISTUM, Marilena. Bullying escolar. In: ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes (Orgs.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010. p. 95-119.

SANTOS, Gabriel Reali; BAIERLE, Kevin Thomas dos Santos; URNAUER, Arthur Medeiros. A importância do diferente em sala de aula: uma análise de atividades musicais na educação básica. In: KAERCHER, Nestor; COSTELLA, Roselane Zordan. **Refletindo realidades - Propondo diversidades: a construção do conhecimento geográfico na escola (PIBID - Nós propomos!)**. Curitiba: CRV, 2021. p. 27-36.

SANTOS, Héllen Thaís dos; GARMS, Gilza Maria Zauhy. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: Contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. In: **II Congresso Nacional de Formação de Professores**. Águas de Lindóia: UNESP, 2014.

SANTOS, Leonardo Pinto dos; MENEZES, Victória Sabbado. Funes, o memorioso e a formação docente em geografia: um olhar sobre o método (auto)biográfico. In: MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypczynski; TONINI, Ivaine Maria; COSTELLA, Roselane Zordan. (Orgs.). **Geografias interativas**. Florianópolis: UDESC, 2020. p. 31-48.

SEFFNER, Fernando. Tem nexos não falar sobre sexo na escola? In: **Revista Textual**. Porto Alegre, v. 1, n. 25, p. 22-29, mai. 2017.

SILVA, Adriane Giugni da. A naturalização do bullying lgbtfóbico em Escolas Públicas do Ensino Médio. In: **VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade**. Rio Grande: FURG, 2018.

SILVA, Elizângela Napoleão da; ROSA, Ester Calland de Sousa. Professores sabem o que é bullying? Um tema para a formação docente. In: **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 329-338, jul./dez. 2013.

SILVA, Joseli Maria (Org.). **Geografias Subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Todapalavra Editora, 2009.

TIMM, Edgar Zanini. A vida como uma obra de arte: pensando em histórias de vida. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **(Auto)biografia e formação humana**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 45-62.

VASSÃO, Felipe; EMICIDA; DUH, DJ. **AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte)**. Disponível em: [letras.mus.br/emicida/amarelo-feat-majur-e-pablo-vittar/](https://letras.mus.br/emicida/amarelo-feat-majur-e-pablo-vittar/). Acesso em: mar. 2021.

## ANEXO I

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante,

Estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo investigar as influências de docentes LGBTQ+ no ensino das Geografias Subversivas a partir das suas narrativas formativas. Para tanto, solicitamos autorização para realizar este estudo nesta instituição. Também será utilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para cada participante.

A coleta de dados envolverá uma entrevista narrativa a ser feita individualmente, por meio on-line, com cada um dos participantes. A coleta será realizada pelo pesquisador em formação, sob orientação da professora orientadora.

Os participantes do estudo serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida em qualquer tempo sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, os participantes poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo.

Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes bem como das instituições envolvidas. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos critérios de ética na pesquisa com seres humanos conforme Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos realizados oferece riscos à dignidade do participante. Todo material desta pesquisa ficará sob responsabilidade do pesquisador em formação e da professora orientadora.

Por intermédio deste trabalho, esperamos contribuir para a compreensão das influências de docentes LGBTQ+ no ensino das Geografias Subversivas a partir das suas narrativas formativas. Agradecemos sua colaboração para a realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.

O pesquisador em formação é o estudante da UFRGS, **Michael Douglas Bicudo Zotti** e a professora orientadora é a Dr<sup>a</sup>. **Roselane Zordan Costella** do Departamento Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS. Mais informações podem ser obtidas através dos e-mails [michaelzotti@hotmail.com](mailto:michaelzotti@hotmail.com) e [professoracostella@gmail.com](mailto:professoracostella@gmail.com).

## CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, ....., entendi os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, portanto, concordo em participar.

---

Local e data

---

Assinatura do participante da pesquisa

Eu, ....., membro da equipe desta pesquisa, obtive de forma apropriada e voluntária o consentimento Livre e Esclarecido do sujeito da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.

---

Local e data

---

Assinatura do membro da equipe

## APÊNDICE A

### ÍTEGRA DA NARRATIVA - ALEX

#### **Entrevista Narrativa I - Professor Alex**

Data: 20/02/2021

Duração: 1h26min

#### **Como foi a relação entre a tua infância e juventude e os teus momentos de “descoberta” enquanto LGBT+?**

Eu sou um jovem professor ou um professor jovem e eu vim de um ambiente de vida e de convivências que é muito delicado e muito duro para um menino que sempre foi muito sensível como eu, sabe?! Então eu cresci em um ambiente extremamente tradicionalista, com pai e mãe tradicionalmente casados, enfim, essa questão de ter uma família estruturada me deu certos privilégios no sentido de estruturação emocional.

Um dos momentos mais importantes dessa parte é o CTG, Centro de Tradição Gaúcha. Eu praticamente cresci no CTG, vivi boa parte da minha adolescência lá, fiquei dos 10 aos 17 anos no CTG, então foram praticamente 8 anos vivendo nesse espaço e também vivendo tudo que ele me proporcionava, que tem aspectos muito positivos, mas quando é para falar da minha afirmação como homem gay no mundo foi uma coisa que me travou muito. É um ambiente muito machista, que até na dança que eu fazia já impõe o homem como o ser que marca presença, que grita forte, que bate o pé, e é algo que sempre foi totalmente o oposto de mim, mas é algo que eu consigo refletir hoje. E sempre foi muito difícil porque eu sempre senti a necessidade de suprir esse estereótipo: homem másculo, ser esse homem que a heteronormatividade define como ser homem no Rio Grande do Sul.

Agora indo para a escola, é outra parte importante, que preenche bastante espaço na nossa infância e adolescência. E na escola eu sempre sofri muito bullying por ser uma criança mais afetada e muito menos despojada como os outros meninos. Então todos meninos numa autodefesa ou maldade mesmo eram muito chatos comigo, então estavam sempre fazendo piadinhas comigo e isso fez com que eu me fechasse mais para aceitação da minha orientação sexual.



Então todo esse ambiente do CTG, em casa, na escola. Ambientes repletos de homofobia e repleto de cis-normatividade me fez esconder dentro de mim toda e qualquer possibilidade de aceitação do fato de ser gay.

Durante vários anos da minha vida, eu sentia coisas e não aceitava, então eu colocava minha energia em outras coisas e isso fez com que eu tivesse uma aceitação de mim mesmo um pouco tardia. Também não posso afirmar isso, porque acho que cada pessoa tem seu tempo e seu contexto. É difícil a gente querer que a nossa história reflita em outros, porque são muitas condições variáveis. E esse ambiente fez com que eu escondesse todo sentimento bom que eu tinha, como exemplo até alguma música que eu quisesse ouvir, não poderia ouvir perto dos outros porque eu seria alvo de mais *bullying* ainda. Foi necessário um processo muito grande de minha parte, muita reflexão para eu perceber que eu era mais forte que todas aquelas coisas e entender o lado das pessoas que fazem aquelas coisas.

Na escola, essas pessoas que fazem essas coisas eram adolescentes, então, é óbvio que a gente tem que trabalhar para mudar cada vez mais essas ideias na sala de aula, mas como é que a gente vai julgar aquele adolescente se ele é totalmente o reflexo da criação que ele teve?! Eu não fico lembrando dessa época de escola e sentindo raiva dos colegas, na verdade eu espero que hoje eles tenham conseguido ter uma consciência para além de seus umbigos e refletir que tem coisas que chateiam as pessoas.

### **E como foi esse teu momento de autoaceitação?**

Acabou que minha aceitação só foi acontecer no último ano da escola. E no ano seguinte eu já entrei na universidade e nela eu senti e vivi uma liberdade muito grande. Passei a compreender muito mais sobre mim mesmo e consegui viver a minha vida.

Eu acho que eu sempre me senti gay, mas durante muito tempo eu escondia isso de mim e acreditava que não fosse e que poderia viver sendo hétero e essa aceitação começou a acontecer quando eu comecei a frequentar outros espaços, não a escola, nem o CTG, mas espaços onde, de modo geral, as pessoas se aceitavam.

Eu namorava uma menina. Namoramos durante 3 anos e isso foi muito interessante porque eu consegui perceber que eu gostava de estar com ela, mas eu

não sentia um apego, uma entrega muito grande. Eu não me doava tanto quanto ela e foram 3 anos bem conturbados. E quando a gente terminou eu fiquei pensando: “E se eu gostar de homens?” Então eu procurei e conversei com caras.

Eu fui na festa depois com uma amiga lésbica, ela tinha pouco contato com a família, tinha saído de casa. Ela estava muito na vibe de “ou vocês me aceitam ou não vão mais me ver”. Era um momento conturbado. Ela tinha se assumido para todo mundo, mas depois a família teve o tempo que precisava para digerir a informação e hoje eles aceitam de boas. E lá na festa eu cheguei para ela e disse: “Miga, eu acho que sou viado!” e ela disse: “Ah, legal, tudo bem!” e me apoiou e perguntou se eu tinha ficado com algum homem e como eu disse que não, sugeriu que eu ficasse para ver se eu acharia interessante, mas foi em outra festa que ela me apresentou um amigo e nós ficamos nessa festa. E em um momento alguns caras foram homofóbicos com a gente e ele reagiu e naquela hora eu senti uma representatividade gigantesca. Eu me senti muito protegido e entendi que eu também tinha voz para gritar, não me calar. E nós acabamos ficando por uns três ou quatro meses e foi com ele que eu aprendi muita coisa, muita mesmo. Ele tinha muita experiência. Ele foi essencial para esse meu momento de descoberta e ele sempre me respeitou.

### **Tu chegou a mencionar a chegada na universidade, mas como foi essa transição do último ano para o ensino superior?**

Eu estava com 17 anos. Eu tinha um objetivo. Eu estudava de manhã e fazia pré-vestibular à tarde. O cursinho ele basicamente te instrui de boas formas de como estudar e fazer revisões durante as aulas, porque uma hora de aula é muito pouco, não tem como se aprofundar nos conteúdos. A gente fala brevemente e espera que os estudantes voltem para casa e desenvolvam ainda mais aquilo, teçam suas dúvidas e levem para a aula para que elas sejam dialogadas. Só que hoje eu vejo isso, sendo professor de cursinho. Hoje eu estou do outro lado. Quando eu era aluno, eu esperava soluções prontas, mas hoje eu entendo que não é bem assim, não dá tempo. E nesse período do último ano eu reconheço que eu fui um pouco negligente com a escola. Houve um momento que eu precisei correr muito atrás, porque eu estudava até altas horas e ia para aula com muito sono e às vezes dormia

e as professoras vieram me perguntar. Então foi um momento bem conturbado para mim, foi na mesma época que eu conheci o menino da festa, e foram muitas coisas.

Eu queria fazer direito e então eu estava muito. Eu estudei para a UFRGS, fiz Vestibular, ENEM, mas não fui chamado e então eu me inscrevi no SiSu e foi muito legal para mim porque eu descobri um mar de possibilidades, de universidade pelo Brasil. Selecionei sociologia, filosofia, no Acre, no Rio de Janeiro. Comecei a brincar por onde eu andaria e fiz uma lista gigantesca das cidades que eu achava interessante, mas isso também me deixava muito assustado porque é muito longe e eu tinha 17 anos e aí eu descobri a UFPel e eu queria muito sair de Gravataí, ir para outro lugar para poder ser eu mesmo. E Pelotas acabou sendo uma boa oportunidade. É razoavelmente longe da minha casa e eu poderia viver sem essa influência dos meus pais. Eu vim para Pelotas me inscrevi para licenciatura em geografia. Eu estava entre letras, geografia e ciências sociais. E pesquisei bastante sobre as três e gostei muito da geografia. E foi a melhor coisa que me aconteceu, porque hoje eu me sinto completamente entregue à uma carreira, que é algo que eu com certeza não conseguiria fazer no direito.

E foi nesse momento de entrada na universidade que eu consegui refletir sobre tantas coisas. Fui morar na Casa do Estudante da UFPel, nem tudo são flores, mas onde eu comecei a ter um senso coletivo gigantesco, porque lá tá todo mundo sozinho, sem família, então a gente constrói um laço muito forte com os outros. E eu me senti muito mais acolhido porque eu estava num ambiente universitário e conseguia perceber muito mais de movimentos sociais e lá eu podia me identificar com outras pessoas e isso é muito importante, porque quando a gente se identifica com outras pessoas a gente fica mais forte.

Foi em Pelotas que eu comecei a me relacionar com outro menino e consegui contar para a minha e meu pai. Com o meu pai foi meio caótico e como eu sabia que ele ia surtar, eu contei pelo *WhatsApp*. Como aconteceu? Eu estava indo para casa do meu namorado no Paraná. A gente se conheceu em Pelotas, mas ele se formou e voltou para a cidade dele. E eu estava indo para lá e não quis mentir para o meu pai, porque vai que me acontecesse alguma coisa e eu contei para ele, falei que estava muito feliz e que esperava que ele pudesse ficar feliz também, mas ele não me falou nada. Mas uns dias depois ele me mandou mensagem dizendo que foi

difícil para ele digerir algumas coisas, mas que ele é meu pai e independente de qualquer coisa vai ficar do meu lado.

**E como tu via esses conteúdos de gênero e sexualidade na escola? Teve aulas sobre? Foi em Geografia?**

Então, eu tive professores de geografia muito bons. Eu estudei sempre na mesma escola, uma escola estadual. Eram bons professores, mas não vem à minha memória que eles trabalharam essas temáticas, porque a gente vê hoje a sistematização da geografia como algo puramente físico e que não engloba muitas questões das relações humanas e sociais. Eu não tinha grandes reflexões sobre sexualidade, questões raciais na escola. Em algumas outras aulas como sociologia, a gente até falava mais de movimentos sociais. Eu realmente fui ver essas questões na universidade, vivenciando isso, fazendo parte disso. Eu vejo que essas questões ocultas na escola, elas acabam sendo muito mais do docente querer abordar aquilo ou não, vai da trajetória de cada um. Eu também acho que é uma coisa que nós temos que ter muita delicadeza para falar, porque eu não gosto de dizer como que um professor deve ou não organizar suas aulas, é realmente subjetivo. Mas essas questões, às vezes, não são abordadas, também pela não vontade do professor, ou a pressão da escola para que temas polêmicos não sejam tratados em aula e não tenha caso de pais na escola reclamando. Eu vejo que grande parte dos professores tem medo de trabalhar essas questões e eu me solidarizo a essas pessoas, porque eu também tenho medo de trabalhar algumas questões nas minhas aulas, só que hoje cada vez mais é necessário. Nós precisamos colocar a cara no sol. Precisamos ter o compromisso de formar cidadãos. É difícil trabalhar questões polêmicas em sala de aula. Porque primeiro sempre acaba virando a aula uma zona.

Umas das minhas grandes preocupações é como inserir isso em uma aula. A gente quer muito falar, mas a gente também quer muito ser ouvido. E eu me questiono se não é melhor trabalhar um tema que o aluno vai construir o conhecimento junto contigo ou um tema polêmico que ele é totalmente contra e só vai fazer com que ele se afaste e a gente não vai ser ouvido. Embora tudo isso que eu falei, a gente precisa achar maneiras para trabalhar essas Geografias Subversivas em aula, desde o começo da geografia. Qual a nossa função se não ajudar nossos alunos a refletirem e construïrem sua visão de mundo? O objetivo não

é fazer com que as pessoas pensem igual a gente, mas mostrar as ferramentas para que elas possam pensar sozinhas. As coisas são complicadas, mas precisamos, ao menos, correr o risco de tentar. A própria BNCC respalda que a gente trabalhe isso. Até nessa última, onde as coisas estão mais escondidas.

### **E como tu trabalha isso em aula?**

Eu gosto muito de intercalar conteúdos. Por exemplo, quando tô trabalhando cartografia, eu trabalho cartografias específicas com representações de mapas que falem da comunidade LGBT, mapas que falem da violência de gênero, de raça, o acesso á agua, enfim. A gente sempre pode conectar esses momentos. É diferente de quando a gente vai lá e mostra um mapa das divisões regionais do Brasil. Tem muito para discutir sobre isso, mas com esses mapas específicos, a gente consegue ir além. Acho que esse é um bom exemplo.

### **Já teve algum momento que tu sentiu que perdeu um “gancho” para falar dessa temática na aula e depois ficou refletindo sobre?**

Eu já percebi situações nas minhas aulas em que eu poderia entrar em alguma questão assim, mas eu também penso que a gente tá vendo tudo que acontece, vendo como eles se relacionam e tem momentos que a gente tem que deixar eles se relacionarem e se resolverem. Mas sempre que acontecem essas oportunidades, eu tento trazer isso mais como uma reflexão e não como uma aula, eu sempre tento trazer como uma atualidade. Eu lembro de ter feito uma aula sobre a importância da homenagem que fizeram aqui em Pelotas para uma professora travesti. Colocaram o nome de uma travessa com o nome dela. Ela era educadora social, militante e foi assassinada por ser travesti e isso é uma coisa muito importante. E eu achei legal de trazer essa reflexão à aula. E os alunos contaram várias experiências, fizeram relatos das próprias famílias. Foi um momento muito legal, mas eu também estava me segurando para não ir muito além e não causar nenhum desconforto. O desconforto é bom porque faz os alunos pensarem, mas desconforto demais pode afastar aquele aluno.

**Muito obrigado por ter aceito o convite para participar desta pesquisa!**

## APÊNDICE B

### ÍTEGRA DA NARRATIVA - MARIA

#### **Entrevista Narrativa II - Professora Maria**

Data: 20/02/2021

Duração: 43min

#### **Como foi a relação entre a tua infância e juventude e os teus momentos de “descoberta” enquanto LGBT+?**

Pensando em como eu cresci e como eu sou, eu cresci no interior, então ser LGBT no interior e ser LGBT aqui (Porto Alegre) ou cidades maiores é bem diferente, tanto é que a aceitação de ser quem eu sou só veio quando vim pra cá. Eu acho importante contar que sou diagnosticada com autismo, então eu sempre tive essa ideia de estranhamento, de que eu era uma criança diferente, então por muito tempo a minha sexualidade era o que tinha de errado comigo, porque desde pequena eu sempre usei roupa larga. E eu gosto muito de me expressar assim. E eu sempre fui muito zuada, que eu parecia um menino e tudo mais. E no ensino médio eu parei de usar roupa larga porque pegavam pesado no meu pé. Faziam sempre os questionamentos: “Ah, tem certeza de que tu não é lésbica?”. E recentemente eu me dei conta que essa pressão é muita violência pra que eu me enquadrasse no padrão. É um pensamento de “vou criticar ela pra ver se ela vai agir como eu espero que ela aja”. E eu acabei, infelizmente, cedendo. Usei roupas bem justas, mesmo não gostando. E fui muito pras festas. E nessas festas eu sempre beijei minhas amigas. E sempre ficava na minha cabeça se eu realmente gostava daquilo ou eu tô confuso e é por isso que eu cresci estranha? São vários sentimentos que eu lembro.

Com a família sempre foi mais tranquilo nesse quesito. A minha irmã mais nova é lésbica. Nunca teve aquele negócio de sentar e precisar se assumir. Nunca foi uma grande questão e eu sei que isso é um grande privilégio. Raramente acontece, mas eu tive essa sorte.

Outra coisa que eu me lembro, em Osório, é que eu sempre fui do grupo dos meninos. Eu sinto que eles falavam algo, mas não direto pra mim. Sentia que eles olhavam ou depois de uma festa eles faziam comentários “ah, vai pegar mais mulher do que eu agora”. Tudo em forma de piada, me deixava desconfortável, mas não me

atingia muito, porque pra mim eu era hétero e pra mim aquilo tinha sido um momento à parte. Então eu não tinha como chegar pra eles, me impor e dizer que sim, eu iria pegar mais mulheres que eles e qual era o problema?!

### **E como foi esse teu momento de autoaceitação?**

Bom, como eu já te falei, eu dava uns beijinhos nas minhas amigas, mas como isso meio que “perturbava”, eu preferia não pensar nisso. E não pensava. E como em Porto Alegre eu estudei em cursinho popular eu comecei a ter aulas sobre educação popular, entender sexualidade e bissexualidade no geral. Porque querendo ou não, não se fala muito do bissexual e quando se fala é meio que “ah, não é uma coisa, nem outra, tá indeciso”. As pessoas não veem nem como LGBT nem como hétero. E foi ali naquele espaço que as pessoas realmente me aceitariam que foi fácil de fazer isso, elas me acolheriam, contariam suas histórias para me acolher, e eu ouviria “já passei por isso, vai dar tudo certo”. Foi um processo de mais alívio, de entender o que eu sou, o meu lugar no mundo e que as roupas que eu usava não tinha a ver com a minha sexualidade. E isso sempre ficou na minha cabeça. Eu era daquele jeito, usava aquelas roupas, mas não tem nada a ver, enfim, são construções sociais. Depois de muito tempo eu consegui entender tudo isso. Foi um processo muito complicado, mas foi libertador, de bastante alívio.

Eu gosto muito de fazer uma comparação que é do meu primeiro dia que eu cheguei lá e do último, quando eu saí, porque eu cheguei lá, eu tinha o cabelo liso na cintura, com chapinha, usava uma calça *skinny* justíssima, enfim uma *Barbie* saída do litoral direto pra lá. E eu saio do cursinho com o cabelo mais curto, roupas largas e tals. E como era um cursinho popular, a maioria das pessoas eram jovens, tanto da coordenação quanto os professores e alunos, então era um ambiente universitário. E era um lugar cheio de pessoas bastante politizadas, todo mundo que estava lá era super mente aberta e isso facilitou horrores minha aceitação. Tanto que lá, a comunidade LGBT era bem grande e eles até davam prioridade nas vagas para pessoas LGBT, mas na entrevista pra entrar eu falei que não era, que era hétero. Fazia ideia de que talvez fosse, mas não era assumida. Eu ainda tava num processo interno.

**E como tu chegou na licenciatura em Geografia?**

Então, eu vou ser direta e reta, foi porque eu tive uma professora e ela era muito engraçada. E a gente tem uma pré-concepção do que é ser autista e a minha válvula de escape é fazer piada com tudo, então eu faço graça de tudo, o tempo inteiro e ela era muito engraçada e era super envolvente aquela aula. E pra capturar minha atenção, só uma pessoa assim. Eu sentava, prestava atenção, me apaixonei, comecei a estudar muito, ia bem nas provas dela, eu fiquei obcecada. E foi por isso. Essa mulher me chama a atenção e me ensina de um jeito que faz com que eu preste atenção nela e depois eu corri atrás também, pesquisei sobre.

Uma parte engraçada é que não foi ali com essa professora que eu quis imediatamente virar professora, foi no cursinho, conhecendo a educação popular que eu quis fazer licenciatura.

**E como tu via esses conteúdos de gênero e sexualidade na escola? Teve aulas sobre? Foi em Geografia?**

No cursinho, por ser um ambiente que eles se propõem a conversar contigo. É coisa diferente da escola, tem a conversa, a troca e depois a gente fica refletindo sobre tudo que falaram. Até a abordagem dos assuntos de sexualidade dentro da geografia, da história, e nunca antes na minha vida tinha sido feito esse *link* de estudar essas problemáticas juntos. E de que essas bandeiras podem ser levantadas dentro das aulas e como aulas. São outras formas de ensinar e ver a geografia.

E na escola eu posso dizer com toda a certeza que não teve esses conteúdos porque eu lembro muito de tudo. Geografia física no 1º e 2º ano e no 3º, a guerra fria, blocos econômicos e globalização e só. Nunca mais nada além disso. Mas nunca teve esse *link*. E acho que hoje se torna mais difícil fazer isso, ainda mais se o professor for LGBT, porque ser professor já é arriscado e ser LGBT também, então se tu é os dois, é muito difícil, tu sente mais medo pra falar disso.

**Já teve algum momento que tu sentiu que perdeu um “gancho” para falar dessa temática na aula e depois ficou refletindo sobre?**

Eu sinto que eu perdi muitas oportunidades, porque eu não gosto muito de falar em grandes grupos sobre esse tema, mas com certeza deve ter alguma



oportunidade que eu perdi, muitas vezes por medo de trabalhar aquele assunto porque, eu lembro de uma vez, uma sala de aula bem hostil, então com certeza eu poderia ter abordado.

**Muito obrigado por ter aceito o convite para participar desta pesquisa!**

## APÊNDICE C

### ÍTEGRA DA NARRATIVA - MATHEUS

#### **Entrevista Narrativa III - Professor Matheus**

Data: 24/02/2021

Duração: 31min

#### **Como foi a relação entre a tua infância e juventude e os teus momentos de “descoberta” enquanto LGBT+?**

Na escola, eu era bem CDF e eu acho que era uma forma de eu compensar o fato de ser homossexual. Talvez eu visse isso como uma falha e pensava que sendo estudioso eu compensaria o fato de ser homossexual. Então, pra compensar o desgosto, eu era um bom aluno.

Eu lembro do *bullying* nesse período, eu não tinha preparação e nem sabia como lidar com isso, pois eu estava me descobrindo. Eu não respondia, não retrucava quando me diziam algo. Eu não brigava porque tinha medo que o assunto chegasse em casa. Porque se os meus pais chegassem lá, a diretora teria que contar o porquê da briga e eu não queria que isso assunto chegasse até eles. Era uma forma de silenciamento.

Desde os meus 6, 7 anos, eu já notava que era diferente dos outros meninos. E com 10 anos eu já tinha certeza de que eu gostava de homens. Depois, no meu ensino médio, foi um pouco difícil. Eu estudava em um colégio particular de Porto Alegre, de classe média/alta e eu tinha a ideia de não me abrir pra ninguém. Vivia um sofrimento silencioso. Eu acho até que nessa época eu tive depressão. Não era um assunto muito falado, mas eu tenho quase certeza de que tive. Eu até pensei em me matar.

#### **E como tu chegou na licenciatura em Geografia?**

Eu, desde pequeno, gostava de ver mapas e atlas, eu lembro que pra compensar qualquer outra coisa, eu era um bom aluno, o CDF e com isso eu acabava ajudando os colegas e foi ali que eu me dei conta que eu queria ser professor.

Na escola, dando aula, tem duas situações que eu lembro muito sobre ter sofrido homofobia dos alunos. A primeira foi quando eu tirei uma aluna de sala e ela saiu gritando “Esse professor é bicha!”. Naturalmente, os outros alunos começaram a rir. Eu me senti exposto e me vieram diversas lembranças do tempo da escola, passa um filme na mente da gente, vem um turbilhão de ideias. E eu me senti bastante constrangido, mas depois a coordenadora entrou na sala e conversou com os alunos, explicou que não tem nada a ver se o professor é gay, lésbica ou o que quer que seja, mas que o importante é que os alunos tem que respeitar esse professor. E nessa hora eu me senti mais seguro. A segunda situação foi quando eu tirei outro aluno da sala e ele não quis sair, então eu chamei uma colega pra me ajudar e ela acabou fazendo um comentário infeliz, infelizmente. Não lembro direito como chegou nesse comentário, mas ela disse que ele ia ser mulherzinha na FASE. Foi um comentário bastante infeliz e naturalmente o aluno ia retrucar. Eu não lembro o que ele disse, mas ele foi machista com essa minha colega e foi homofóbico comigo.

A homofobia da parte dos meus colegas professores também eu senti. Nunca algo direto, mas de uma forma velada. Uma colega professora me disse que já ouviu eles fazendo comentários e tudo mais.

**E como tu via esses conteúdos de gênero e sexualidade na escola? Teve aulas sobre? Foi em Geografia?**

Eu não lembro de ter tido essas aulas em geografia. Na verdade, eu nem lembro muito das aulas, em específico.

**E como tu trabalha isso em aula?**

Eu acho que esse tema se encaixa muito no currículo oculto, sendo um tema transversal. Mas também acho que a gente não trabalha muito por medo. Eu sinto que nos últimos anos, o debate sobre essas questões vem tendo mais espaço, ainda é muito polarizado, mas nós temos conseguido respeito e visibilidade. Geralmente apoio e em parte curiosidade. Eu dou aula de sociologia e geografia, e vejo que é um campo mais aberto na sociologia. Mas, no geral, tem mais abertura do que anos atrás. A gente tá tendo muitas conquistas e mais visibilidade da população. Quando que, anos atrás, um homem iria se apresentar de *drag queen* e ser valorizada por

isso?! Temos a Pablllo Vittar, por exemplo. Mas, no geral, acho que a gente pode aproveitar melhor esses momentos pra trabalhar isso em aula.

**Já teve algum momento que tu sentiu que perdeu um “gancho” para falar dessa temática na aula e depois ficou refletindo sobre?**

Acho que sim. Os alunos do fundamental são muito curiosos, principalmente os do 6º ano. E sempre vem uma pergunta do tipo: “Prof., o senhor tem filhos?”, “O senhor já namorou?”. Perguntam como terminei meus namoros. Eu ainda sou travado em sala de aula. Eu sou mais aberto com os professores do que com os alunos. É uma barreira que eu tenho, não falo abertamente sobre ser gay. Eu respondo, mas de uma maneira não tão clara. “A pessoa com quem eu namorei. É desse jeito. Me perguntavam também se eu tinha ido na parada gay. Hoje até encontro alunos na parada gay e é uma coisa interessante, mas no geral, eu acho que poderia aproveitar melhor esses momentos.

**Muito obrigado por ter aceito o convite para participar desta pesquisa!**

## APÊNDICE D

### ÍTEGRA DA NARRATIVA - ANDERSON

#### Entrevista Narrativa IV - Professor Anderson

Data: 04/03/2021

Duração: 1h

#### **Como foi a relação entre a tua infância e juventude e os teus momentos de “descoberta” enquanto LGBT+?**

A minha infância, ela foi uma infância boa e foi uma infância ruim ao mesmo tempo. Boa porque eu tive a sorte de nascer em uma família, em um lugar da sociedade privilegiado. Eu nunca passei fome, não precisava trabalhar, podia ir pra escola tranquilamente. Sempre tive acesso às tecnologias, não falando em questão de computador. Na verdade essas tecnologias eu tive um pouco depois porque a minha família não tinha tanta grana assim pra eu ter esse maiores luxos. Mas, lápis, caderno, borracha, mochila, isso eu sempre tive, então eu acho que essas coisas facilitam bastante o começo da vida. Mas ao mesmo tempo, a minha infância e juventude foram bem ruins, foi bem problemática e bem perturbadora. Foi tão perturbadora que causa rebuliços, causa impactos na minha vida hoje enquanto adulto porque eu era uma criança muito daquele estereótipo da criança viada. Eu era um menino, mas eu era mais afeminado e era meu jeito natural. Eu não forçava, nem nada, até porque eu não entendia nada disso, na verdade o meu jeito afeminado ele tava completamente desligado da minha sexualidade, porque enquanto criança eu não me entendia como gay, eu não sentia atração pelos meninos. Eu não era uma criança muito sexualizada. Eu não sei se isso é possível, enfim, mas eu tinha esse jeito e eu sofria muito *bullying*, eu ia pra escola e a escola não era um lugar legal pra mim, ela era um lugar ruim. Eu não gostava de ir pra escola porque eu sofria muito *bullying*.

O meu momento de descoberta foi ali com uns 15, 16 anos, porque como eu falei, apesar de ser um menino muito afeminado, eu não entendia, eu achava que eu gostava de meninas mesmo, até porque gostar de meninas era o certo, então durante muito tempo da minha vida eu acreditei que eu gostava de meninas, só que não rolava, não dava certo. Eu não tenho certeza de que momento, foi um processo

muito gradual. Eu ali quando tinha meus 15, 16 anos, eu já tava no ensino médio e eu acho que no ensino médio essas questões, na verdade nem se falava sobre essas questões. Quando se falava sobre ser gay ou ser qualquer coisa voltada ao LGBT era pra fazer piada, era pra rir da cara da pessoa e chamar ela de viadinho e colocar ela pra baixo, mas eu acho que talvez o próprio desejo sexual mesmo. Eu comecei a olhar pros meninos, com uma interação mais romântica e eu ouvia que tinha alguma coisa de diferente e aos poucos eu fui percebendo que talvez eu me interessasse mais, nesse âmbito romântico, pelos meninos, e acho que foi isso. E foi aos 18 anos só, que eu me entendi. “Ah, tá, então eu realmente sou gay, não tem para onde correr, não tem o que fazer, é isso mesmo”.

### **E como foi esse teu momento de autoaceitação?**

O meu momento de aceitação foi acontecer um pouco mais tarde, aos 18 anos, o que também é coisa bastante relativa. A gente fala tarde porque tem LGBTs aí que vão se entender muito mais tarde, com 40, 50 anos, mas eu lembro que aconteceu ali aos 18. Eu lembro que a primeira vez que eu me assumi pra alguém foi pra uma amiga da internet. Foi uma amiga que teve uma breve passagem pela minha escola e ela foi morar em São Paulo, e eu lembro que eu mandei uma mensagem pra ela e eu falei pra ela: “eu preciso te contar uma coisa. Ela era lésbica e eu acho que isso foi um ponto importante de se falar, porque LGBTs se ajudam e vão se conectando na vida. A gente vai criando uma rede de amigos que vão te dar suporte, porque na família, às vezes, a gente não tem muito isso e eu acho que os amigos fazem uma ponte legal. E os LGBTs têm muito essa conexão. E aí essa minha amiga lésbica, a gente tava conversando normal e eu falei assim pra ela “eu preciso te contar uma coisa, eu acho que eu sou gay” e obviamente ela falou que tudo bem e que já imaginava. E ali, aquilo foi um marco na minha vida. Eu lembro que saiu um peso dos meus ombros. E aos poucos eu fui me assumindo pro resto da minha esfera, pros meus amigos primeiro e depois, bem mais tarde, pra minha família.

### **E como tu chegou na licenciatura em Geografia?**

A geografia, pra mim, caiu como um paraquedas. Eu não tinha muito interesse em geografia, não era uma das minhas matérias favoritas. A minha favorita era biologia. E quando eu saí da escola eu não sabia bem o que fazer da minha

vida, e então eu fiz um cursinho pré-vestibular e lá eu decido o que fazer. Eu fiz o ano inteiro de cursinho, chegou no final e eu decidi fazer contabilidade e fui fazer contabilidade, fiz dois anos, não gostei e saí. E quando eu saí, eu saí completamente mentalmente abalado. Eu não fazia terapia e eu não sabia direito o que fazer da minha vida, talvez eu tivesse chegando num momento que estudar não era pra mim. Eu olhava pra lista de cursos da UFRGS e não me interessava por nenhum. E num dia muito mal, fui conversar com um amigo meu e ele me ajudou. Começamos vendo o que eu gostava na escola, quais disciplinas. E eu falei da biologia, sempre gostei da natureza, mas eu perdi bastante isso. Eu olhava pro curso e achava muito chata a parte de física e química e fui abandonando a ideia de ser biólogo, professor muito menos. E no cursinho pré-vestibular eu me aproximei muito da história e das ciências sociais e a minha mente fervia nas discussões, nos movimentos sociais, a questão de LGBT e militância. E eu tava muito de humanas. E o meu amigo disse: “Já pensou em fazer geografia? Porque é um pouco dos dois, é um pouco da natureza, um pouco das humanidades.” E eu fui pesquisando, pesquisando, conversei com professores de geografia, olhei o currículo e tentei. E eu entrei e me identifiquei, fui estudando e cada vez gostando mais. Eu adoro o curso que eu escolhi e acho que é isso.

### **E como tu via esses conteúdos de gênero e sexualidade na escola? Teve aulas sobre? Foi em Geografia?**

Eu lembro das minhas aulas de geografia na escola e eu só tive duas professoras, desde a 5ª série até o 3º ano do ensino médio. E são aulas que hoje, com a minha visão, não são aulas que eu gostaria de fazer. Não achava muito boas. A minha professora do ensino fundamental falava, basicamente pra gente ler livros de geografias e dava uma pergunta meio tosca, sempre diretas. E tinha outra mecânica bem tosca em que os alunos tinham que responder em curtos períodos de tempo. Ela dava 2, 3 minutos e os que respondiam ganhavam pontinhos. E eu lembro que eu era meio lento nesse quesito e eu nunca ganhava os pontinhos. E hoje, eu não pretendo adotar essa didática. E a aula do ensino médio não era muito envolvente, nada muito incrível, eu gostava mais de biologia e a vida foi me levando pra geografia e estamos aí hoje. Mas não foram essas professoras que me influenciaram a entrar na geografia.

E eu não tive nenhum acesso às temáticas LGBT e de gênero e sexualidade no ensino básico inteiro. E isso foi uma coisa que me fez muita falta, porque sendo LGBT, eu me sentia completamente perdido, porque eu não sabia o que eu era, eu não sabia o que tava acontecendo comigo. E é processo que acontece com todos LGBT, porque meus amigos e amigas, eu andava muito com as meninas, na época. E nesse grupo de amigas, tinha duas lésbicas e elas passavam por questões e eu por medo e preocupação não compartilhava muito com elas, porque elas já tavam super assumidas e eu não, eu tava fazendo outras coisas, meio que fugindo dessas pautas, mas não tive acesso nenhum. Eu fui estudar e me preocupar com essas questões quando eu fiz 18 anos, ali por perto, que eu fui no *Youtube*. Ele é a minha base de informações. Eu assistia muitos vídeos do Canal das Bee. E esse canal foi um marco pra mim, porque me ensinou muito sobre essas questões de gênero e sexualidade, até porque eles tinha uma didática muito legal.

### **E como tu trabalha isso em aula?**

A importância de trabalhar questões de gênero e sexualidade dentro da escola é que tanto os LGBTs, como as mulheres estão dentro das escolas, isso é meio que óbvio, mas com os LGBTs, a sociedade tenta mascarar de que eles não são, mas eles são. E essas populações elas sofrem porque elas são ditas como minorias, entre muitas outras. Eu como criança, eu sentia muito *bullying* e não tinha essa pauta dentro da escola, talvez se tivesse, se fosse algo conversado, a minha infância e juventude tivessem sido algo muito melhor. E se essas crianças tivessem acesso a essas informações, acesso a ver que orientação sexual e gêneros diferentes não tem nada de errado, são completamente normais e tá tudo bem. Talvez eu não tivesse sofrido tanto *bullying* e tivesse outro entendimento sobre meu próprio corpo. E os héteros e cisgêneros precisam de informação, porque são eles que fazem o *bullying* com a gente, porque a nossa sexualidade foge do padrão.

Mas respondendo à pergunta, eu não sei como eu vou trabalhar as questões de gênero e corpo dentro da minha sala de aula, eu como sendo professor, até porque mesmo o professor sendo gay, super entendido de várias pautas LGBT, eu não sei como trabalhar isso. Eu não pensei e eu acho que essa minha falta de pensamento é um pouco culpa da faculdade, porque a faculdade ela não faz a gente pensar muito sobre isso, de como trabalhar essas questões, fico te devendo essa



resposta. Talvez a própria situação de ser um professor gay assumido já é algo bastante impactante na nossa sociedade.

**Muito obrigado por ter aceito o convite para participar desta pesquisa!**